

2º CADERNO

DO AMOR DE ONTEM, DE HOJE,

DE SEMPRE

UBIRAJARA ROCHA

UBIRAJARA ROCHA

Em suas profundas, originais, engenhosas e muito subtis análises de autor espiritual acerca do amor humano, escreveu o Pe. Maurice Nédoncelle, ao versar o tema do amor real:

"o amor real contém o conhecimento (isto é, o altruísmo do saber) e desenvolve-o no seu seio, como um germe indispensável à sua própria essência."

Este aspecto do amor total, espiritualmente considerado, oferece o flanco ou se abre em perspectivas amplas de análises metafísicas e investigações psicológicas. É tema áspere e difícil, de entendimento complexo e espinhoso, levando-nos muito longe no terreno da filosofia. Pelo que dêle nos acercaremos apenas superficialmente, dêle apenas nos aproximaremos com visíveis intenções de dar-lhe, tão-somente, um tratamento ligeiro ou simplesmente jornalístico, sem qualquer veleidade ou pretensão de prolongar as pesquisas em profundidade que êle naturalmente suscita.

É interessante observar, no campo destas reflexões, o modo de filosofar ou o caminho seguido pelo padre Rousselot, autor católico e tomista, firmemente apegado às observações teológicas do catolicismo. O Pe. Nédoncelle critica lúcidamente, com razões visíveis e justas, a tese ou o ponto de vista do Pe. Rousselot, o qual, ao discorrer sobre a "philosophie de l'amour", condensa e cristaliza este comentário:

"O perfeito inteligível é espírito vivo; o perfeito conhecimento é idêntico ao amor."

Esta reflexão ou comentário --- diz Nédoncelle --- é bi-fron, apresenta duas faces, como Janus. Embora de grande interesse filosófico, esta interpretação é de veracidade discutível, da mesma forma que outra doutrina que aí se insere, doutrina que o padre Rousselot designa por

"grecp-tomista" e que "insiste na relação da parte ao todo."

"A parte --- escreve Rousselot --- deve estar pronta a sacrificar-se pelo todo, porque se ama mais e melhor nêle que se amaria separando-se dêle; está naturalmente ordenada ao conjunto. Assim, segundo o exemplo de Aristóteles, a mão põe-se à frente da face para defender o corpo contra um perigo."

Contra esta semântica, contra esta axiomática doutrinária opõe-se e redargue o Pe. Nédoncelle, obtemperando com firmeza:

"A idéia é profunda, mas não distingue suficientemente as relações de natureza e as relações de pessoas. Daí resulta uma certa incerteza, e a análise conserva um caráter incompleto: deixa-nos talvez aquém de Aristóteles, e, seguramente, aquém de S. Tomás, ao tentar comentá-los."

O Pe. Nédoncelle não se fixa, aí não permanece, pois lança a barra mais longe, dizendo com a plena autonomia do pensador que sente e que se sabe seguro da certeza de suas idéias e convicções:

"Quando se trata do amor do homem por Deus, observa Gilson a justo título que no tomismo o homem não é partparte, senão que uma imagem de Deus, o que é completamente diferente. "Para usar-se que é uma imagem", acrescenta êle, "quanto mais se torna semelhante a Deus, mais continua fiel a si próprio."

Isto certamente corporisa uma verdade contra a qual nada há que objetar; verdade inconcussa, com conteúdo que deve ser inevitavelmente aceito pelo espírito filosófico, plenamente admitido pelo ser

que se especializa e mesmo se autônoma em só pensar em espírito e verdade. Tal verdade é a seguinte:

"a relação de uma consciência com outra consciência nunca é a relação de um fragmento com um todo, nem mesmo de um órgão com um corpo."

Mas há uma doutrina, também sustentada e perfilhada pelo padre Rousselot, e que seu próprio autor denomina de "doutrina estática do amor". Esta doutrina --- frisa o filósofo que a ideou --- foi muito provavelmente posta em desenvolvimento pela escola franciscana. Segundo o entendimento nédoncelliano, ao mesmo tempo claro e perspicaz, esta doutrina supõe quatro divisões ou seções assim distribuídas:

- 1) a dualidade do amante e do amado;
- 2) a violência do amor (isto é, a sua inaptidão para se realizar sem destruir o mim do amante);
- 3) um movimento irracional;
- 4) o caráter de fim último atribuído ao amor.

A estes itens se reduz a segunda doutrina do padre Rousselot, genericamente considerada e a respeito da qual o Pe. Nédoncelle traça este comentário muito sisudo e incisivo, encontrando-lhe falhas de construção:

"Esta segunda doutrina examina mais profundamente as relações pessoais; mas ela é atribuída, por vezes arbitrariamente, pelo autor a escritos múltiplos e divergentes que, no seu esquema, parece unificar à força. Pelo meu lado, admitiria os pontos 1 e 4; mas não aceitaria os dois outros."

Perfeitamente aceitáveis, portanto, se analisados à luz pura do espírito, os aspectos do amor, referidos por Rousselot e que se cingem à dicotomia do amante e do amado e à marca de fim último que amor.

Por outro lado, fala-se muito e sempre acerca do "puro amor". Precisamente falando, que vem a ser esse "puro amor"?

O Pe. Nédoncelle diz algo de explícito a respeito desse tema,

embora dê logo afaste sua mirada filosoficamente profunda. Escreveu ele em nítida densa e assás significativa:

"As querelas da Idade Média encontram eco nas querelas dos séculos XVII e XVIII sobre o puro amor. Nada direi acerca disso...; mas o leitor não terá dificuldade, segundo creio, em adivinhar que, mesmo admirando a penetração psicológica e a elevação de perspectivas de Fénelon, me coloco por mais duma vez, ainda que com uma certa contrariedade, do lado de Bossuet ou de Malebranche, e, sobretudo, de Leibniz Magis amica veritas..."

O puro amor medieval é sem dúvida o amor cavalheiresco, trovadoresco, amor franciscano e de poetas místicos, ensofado de lirismo espiritual. Amor que se dedicava a castelões inacessíveis, a damas que povoavam os sonhos solitários, extremamente vaporosos, de poetas-vagabundos, de trovadores itinerantes, caminhando sem pouso nem repouso pelas cidades, vales e campinas, enchendo de música e poesia, de emoção delicada, os pátios dos velhos e isolados castelos. Amor, ainda, segundo o qual, devido à sua pureza intensa, a vida devia e era realmente dada por um beijo, por uma flor, por um lenço, um olhar...

A Idade Média foi o rico período do amor mais puro --- mais sonhadoramente espiritual ---; foi a época das "formas plenas do amor", pondo em desterro as suas "formas pobres". Em tal tempo, de certo, seria ocioso tentar discutir o amor intellectivus, que gera a felicidade intelectual da alma, e o amor sensitivus, que depura o amor como manifestação emotiva. No primeiro caso, o amor talvez seja reduzido a um estado de "fruição inerte", não saindo de si, descansando em seu próprio dinamismo interno, em sua própria ferveur íntima. Será então a mais pura forma de contemplação --- a contemplação do divino, a contemplação de Deus.

UBIRAJARA ROCHA

UBIRAJARA ROCHA

Aprofundadas análises psicológicas o mesmo espiritualistas do amor humano revelam que há um mistério insondável nos casos em que amor e ódio se interligam e se associam no mesmo sentimento. Espiritualmente falando, vista à luz da dialética pura, é apenas impensável, é simplesmente inconcebível essa simultânea relação ou coexistência entre dois sentimentos que mutuamente se hostilizam e se excluem irremediavelmente, isto é, o amor e o ódio.

No entanto, o amor e o ódio conjugam-se frequentemente, nos "dramas da paixão e do instinto", nas relações brutais mantidas entre seres inferiores, recortados na elementar primitividade dos instintos. Essa íntima associação de dois sentimentos antagônicos e hostis é misteriosa, e deixa entrever um "fosso abismal que a dialética pura não pode preencher".

É sabido que o amor de quem não gostamos nos humilha e nos move a sentir ódio contra ele. Por outro lado, como nos lembra Maurice Nédoncelle, em seus preciosos estudos sobre a "filosofia do amor", há em nós uma surda e torva "necessidade de fazer sofrer aquele que nos ama, e que nós não amamos"; sentimos um desejo invencível de fazer sofrer "aquêle que amamos, e que nos não ama".

"Para quê esse desejo de humilhar outrem e de lhe infligir guerra e derrota, de uma forma aguda, refinada e implacável?"

Tal é a pergunta que em suas inestimáveis análises formula o Pe. Nédoncelle, para, a seguir, afirmar a impossibilidade de existir, sob o ponto de vista espiritual, esse pretendido entrelaçamento, íntimo ou simultâneo, entre amor e ódio. Diz ele, em sentenças lapidares, densamente curtas mas assás penetrantes e significativas:

"Ninguém pode pensar em engendrar seriamente o ódio a partir do perfeito amor..."

"Ninguém pode sustentar que, detestando outrem, o castigamos para nos fazermos amari porque isso só é verdade para os ódios banais, e não constitui a mais radical intenção do ato de detestar. Dado que o ódio existe, os fatos impõem-nos através dele uma maneira de ser imprevista, contingente, escandalosa. (...) "A presença do amor e do ódio é misteriosa: supõe uma alienação e uma queda, cujo motivo e cujo mecanismo nenhum espírito humano pode penetrar completamente."

Diante ou postos em face de tão inexplicável fenômeno, de tão estranho, paradoxal e contraditório fato, qual a atitude que devem tomar os filósofos? Sugere o Pe. Nédoncelle que a única ^{o sr} posição filosófica, capaz de vencer a estranheza misteriosa e a dramática inexplicabilidade do amor misturado ou confundido com ódio, seria a seguinte:

"Os filósofos podem, decerto, tentar entrever se uma caridade absolutamente boa pode causar um estado de coisas no qual o ódio é possível; mas, a certo momento da investigação, sentem-se sempre desconcertados, não podendo colocar-se inteiramente no ponto de vista dessa Providência suprema cujo ato os ultrapassa. A filosofia deve, neste ponto, terminar na fé e na esperança. A dialética é, portanto, obrigada a completar a sua marcha dedutiva com um abandono ao amor infinito que não acabou de explorar. O laço que, noutras circunstâncias, facilmente estabelece, escapa agora ao seu domínio, sendo-lhe apenas possível retomá-lo através dos recursos sagrados da transcendência. É preciso consentir num certo sacrifício da visão para continuar o caminho." (Maurice Nédoncelle, "Para uma filosofia do amor e da pessoa").

Esta solução, evidentemente, revela nitidamente a tendência ou corrente filosófica a que se filia Nédoncelle e que é o chamado espiritualismo existencial, movimento de idéias que em nenhum ponto

fere a doutrina cristã nem choca qualquer tese substancial do catolicismo.

Reflete e percebe a Pe. Nédoncelle que é possível, a quem filósofa sábiamente, "assistir a uma correção do ódio pelo amor." Ao amarmos alguém, podemos despertar-lhe amor, inspirar-lhe simpatia penetrante, trazê-lo para o nosso lado. Ainda mais: se esse alguém é mau, ao dedicarmos-lhe amor, podemos corrigi-lo e torná-lo bom. E, por fim, se amamos quem nos odeia, talvez seja possível que esse ódio termine por esfriar, esmorecer, apagar-se, convertendo-se em amor por aquele que só nos nós. O mesmo será dizer que nosso amor comova, afinal, ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ dedica ódio.

Podemos vislumbrar, neste caso, seguindo a linha nédoncelliana de pensar, que a conversão do ódio em amor representa "uma ascensão e uma homenagem nas quais o mal cede perante um princípio mais forte do que ele." Numa palavra: numa luta entre o ódio e o amor, vence sempre o amor, princípio mais nobre, mais alto e mais forte do que o ódio. Verifica-se aqui a "supremacia do amor", princípio divino, eliminando o ódio, princípio diabólico ou satânico. Mas a dialética pura vê mais longe, não se detém nestas verificações talvez superficiais e se distende no rumo de outras demonstrações, segundo as quais o amor subjuga a força cega e irracional do ódio. Sobre isto escreveu o Pe. Nédoncelle:

"O princípio desta nova demonstração poderia resumir-se assim: suponhamos que o ódio quer realizar-se completamente; só o conseguirá transformando perpetuamente os seus métodos e o seu objecto, de tal maneira que, no final, se volta contra si próprio e se condena a dilacerar-se, e até a destruir-se. Se, na verdade, se aproxima da cólera, é evidente que não pode continuar assim por muito tempo; porque visa a suprimir o ser odiado, isto é, a suprimir a razão de ser do próprio ódio, e, por conseguinte, a nadificar-se. Deve, portanto, ligar o ser que odeia ao ser odiado; deve querer a eternidade e a perfeição daquele que odeia, para se tornar eterno e conservar a sua profundidade.

"Mais ainda: deve querê-lo tão generoso

quanto possível, para ser plenamente gratuito e perverso; precisa de enobrecer o seu inimigo, fazendo d'ele seu benfeitor e seu Deus. E então imediatamente viciado por uma contradição que o desfigura e o fere; deve trabalhar amorosamente para esse Deus e ser o seu servo, a fim de chegar a detestá-lo mais: tal como o anjo mau do Antigo Testamento que vem receber as ordens do Senhor e tentar os justos na terra. Mas, então, o ódio limita-se a uma atitude formal, privando-se deliberadamente de toda a eficácia, para salvar o infimo feudo da sua intenção."

Tal é a natureza psicológica e moral do ódio — do ódio que, profunda e espiritualmente analisado, é amor frustrado. O escravo geralmente ama através do ódio, através da vontade de destruição de seu senhor. Ao empolgar a alma de um ser livre, o ódio "repousa numa estranha derrota, tal como se repousasse numa vitória." Salta à vista como uma verdade inconcussa, que "o desafio de quem odeia é uma fraqueza e o seu esforço é factício".

Quem odeia valoriza o seu inimigo, porque não podemos odiar a quem desprezamos. Erguendo moralmente a pessoa que odiamos, o que conseguimos é, paralelamente, elevarmos moralmente a nossa própria pessoa. Nosso inimigo é a medida justa e exata de nossa própria miséria ou grandeza. Neste esquema a fórmula seria a seguinte: "Dize-me quem odeias, quem é teu inimigo e dir-te-ei quem és." É o nosso inimigo quem dá a nossa medida e valor de nossa estatura moral.

Em profunda, em pneumática verdade, o ódio "diminui a medida que pretende realizar-se." Quanto maior for a intensidade com que se manifesta, igualmente maior vai sendo o seu esvaziamento interior, a sua perda de substância. Que saída lhe resta então para alcançar algo que o alimente, que o sustente, que vigorise as suas reivindicações?

reivindicações destrutivas? A resposta a esta pergunta não é fácil, envolve suma delicadeza de análise, exige meditação acurada, provoca a criação de reflexão fina e penetrante. A nosso ver o Pe. Nédoncelle logra atingir essa finura e penetração de análise, consegue alcançar essa grande e exigida superioridade espiritual para dar-nos uma resposta satisfatória, plenamente persuasiva ou convincente. Assim, o que odia, e que deseja a aniquilação de outrem, em seu ser moral e até na materialidade de sua natureza específica, isto é, a morte física de seu desafeto — unicamente consegue adquirir um pouco de subfortificação para esse sentimento de ódio ao "deslocar ainda mais a sua revolta, e de acusar o seu Deus da humilhação ontológica em que se debate."

Vemos como é árduo e penoso o entendimento desta idéia; mas o Pe. Nédoncelle, com sua inteligência sutil, facilita-nos a sua compreensão, através de explicação clara, cujas imagens se fundem no cristal nítido de suas frases enxutas e francêsas. Escreve ele para traduzir seu pensamento fino e luminoso:

"No ódio perverso e gratuito (dado de graça), só escapamos a uma anemia mortal acusando o Outro de ter querido destruir o nosso valor espiritual. A reivindicação reveste-se, então, duma trágica grandeza, e é sabido que não perdoamos facilmente àquele que julgamos ter-nos aviltado; já não nos opomos a um ser bondoso, mas sim a um ser malicioso e pernicioso. Desta maneira, decidimos agora identificar ao principio do mal aquele que, há instantes, considerávamos revestido de amor.

"O ódio desdiz-se. Simplesmente, se considera o amor como odioso, comete um grave erro e sabe que o comete; decide vender os próprios olhos, e assim se perde a vontade lúcida que anima todo o ódio sério.

"Por outro lado, esta mentira, perigosa para si própria e ineficaz para o ser odiado, leva aquele que odeia a reclamar o seu

direito em nome da justiça e do amor de que se julga frustrado. Mas é um nó e decisivo insucesso, porque aquele que odeia reintroduz no seu ato o culto dos valores morais que tinha tentado negar. Em resumo, o esforço demoníaco sucumbe às suas próprias mãos, e só pode subsistir quando se não quer completamente, isto é, tentando fixar-se sobre areias movediças."

Em outros termos, para definir esta contradição dialética:

"Volta a fechar-se num limite que, ao mesmo tempo, deve querer e não querer. Está destinado a comprazer-se com o próprio insucesso; e se se comprax com isso, é logo desviado para recomencar a sua ronda interminável e infernal. Porque um tal comprazimento já não pode ser ódio puro: é uma intrusão do poder do amor na própria teimosia do rebelde, uma homenagem que os seus vícios prestam à virtude."

UBIRAJARÉ ROCHA

UBIRAJARA ROCHA

Poetas, filósofos, dramaturgos, romancistas, místicos, videntes, profetas, enfim, escritores de vários matizes e tendências, frívolos ou profundos, dominados ou não por densa paixão da cultura e da inteligência têm aplicado boa parte de seu tempo em dissertar acerca do amor, sua existência, sua natureza, suas manifestações, seus efeitos no mundo exterior e no mundo íntimo, subjetivo do homem. Em tal sentido, como não se pode negar, têm sido feitas apuradas e finas análises psicofisiológicas do amor, estudos muito profundos e repletos sobre a substância e a dinâmica interna do sentimento amoroso do homem. Entre os filósofos do amor, entre os que falaram do amor humano em espírito e verdade, não podemos deixar de mencionar o vulto sobremaneira singular de Maurice Nédoncelle, pensador dos mais originais de nosso tempo, autor de enorme prestígio intelectual nos meios mais espiritualizados da cultura européia ou ocidental. O Pe. Nédoncelle, como é geralmente citado no mundo das letras filosóficas atuais, tem o condão de revelar, em breves e densas páginas, as mais surpreendentes ~~surpreendentes~~ e instantâneas sínteses a respeito dos difíceis e complexos temas que formam o contexto de uma genuína e esclarecida "filosofia do amor e da pessoa".

As idéias nédoncellianas, tão nitidas e claras, lançadas na linha ou na corrente do espiritualismo existencial, são fundamentalmente cristãs e mesmo católicas; são idéias que cativam e empolgam em suas fórmulas breves e preciosas, arrastam e impressionam, involuívelmente, as inteligências mais rigorosas e exigentes. Nédoncelle, sem sombra de dúvida, é um pensador que corresponde e que corporisa, em toda a sua extensão e profundidade, à definição ou conceito que Gerd A. Bornheim significativamente deu para se reconhecer o filósofo ou devoto da filosofia: "O filósofo vive no espaço da análise e sua virtude é o rigor."

Traçando um exame espiritualmente profundo do amor, e depois

de convincentemente visualizá-lo como "uma vontade de promoção mútua", como um egoísmo que se abre para promover ou realizar a plenitude de outrem, deixando, portanto, bem claro, ao assim pensar, que a reciprocidade é o que alimenta e sustenta o amor, é a própria alma do amor --- escreve, densamente, o Pe. Nédoncelle:

"O nós do amor é o próprio cruzamento dos dois haveres em outrem, e a consciência dessa dupla transposição generosa constitui o seu ser. Mais virtual ou mais atual, segundo o grau de reciprocidade que é atingido, é esse ser que caracteriza todo o amor. A comunhão dos sujeitos não é mais do que a coexistência dessas duas séries descentradas, nas quais as qualidades individuais podem enfim circular na continuidade das pessoas. Nenhuma outra experiência permite compreender tão nitidamente a conciliação do uno e do múltiplo na vida do espírito. Aut duo, aut nemo. ("Para uma filosofia do amor e da pessoa", trad. port. de 1961).

Assim, no amor, as qualidades individuais dos amantes subsumem, submergem-se umas nas outras, e ali circulam, acionam-se, ativam-se para promoverem a plenificação do ser, para realizarem mais profundamente as próprias individualidades. Isto, de forma alguma, de nenhum modo, será pretender introduzir o egoísmo no seio do desinteresse; se tal afirmação fôr ou parecer um paradoxo, paciência, "não há maneira de se renunciar a si".

Na verdade, a situação que se vislumbra no fenômeno amoroso puro não pode ser outra senão esta, captada pelo fino e agudo espírito de Nédoncelle:

"Imaginamos a nossa presença em outrem como uma riqueza que se separa do dom."
(...) "As qualidades que traduzem um

min só o exprimem ao surgirem no outro mim e ao desenvolverem-se por ele; e é por ele que lhe serão devidas, numa atmosfera que é uma oferenda em retribuição." (op. cit.).

De tudo isto, de toda esta semântica do amor genialmente encontrada, resulta o que Papini disse ser, com a força e a lucidez de seu estilo, com a tocante expressividade de sua linguagem, a "pétrea estabilidade da evidência". Evidência, também, limpa, luminosa, inteiramente oriunda da razão investigadora e clara, impecavelmente raciosinadora e cartesiana. Evidência que transluz, que transparece e se consolida, radiosamente armazenada nesta outra reflexão irreprensível, firmada em lógica maciçamente conclusiva:

"Dai resulta --- prossegue dizendo o Pe. Nédoncelle ---, na verdade, que o nós do amor seja uma entidade heterogênea ao mim e ao ti: a comunidade de dois sujeitos, como sujeitos."

Mas, aqui, entreabre-se uma questão filosófica de alta indagação e que, ^{de} nenhum jeito, pode ser posta entre parênteses. Trata-se, é bem verdade, de questão culminante, ^{de primacial} ~~primacial~~ importância para a compreensão de nosso assunto e que, portanto, não pode ser marginalizada, deixada de lado. Esta questão é posta pelo Pe. Nédoncelle, que a discute rápida e seguramente, da seguinte forma:

"As filosofias do passado acreditaram muitas vezes na homogeneidade de qualquer identidade. São idênticos, para tais filosofias, dois elementos que somos incapazes de distinguir, mesmo através do exame mais metódico. Mas se, sob certos aspectos, a razão deseja tudo identificar, a realidade opõe-se a esta redução; e a noção de uma identidade absoluta é talvez contraditória. É o que Platão é forçado a

concluir nos seus diálogos metafísicos sobre o mesmo e o outro. Mais perto de nós, Bradley expulsa a identidade e a diversidade para o mundo das aparências. E Meyerson afirma que ela desaba se não subsistir qualquer diversidade irracional que se lhe anteponha." (op. cit.).

Mas isto não é só, para justificar a "conciliação do uno e do múltiplo" na existência do fenômeno afetivo ou amoroso, para mostrar que o duo formado por eros é "uma entidade heterogênea"; reflete-se, maduramente, com demorada análise mental e íntima, na profundidade deste significativo ensino nédoncelliano:

"Muitas das aporias filosóficas (perplexidades aflitivas, desorientantes problemas ou atordoadoras questões, perplexivas encruilhadas de pensamentos e noções, idéias contraditórias formando verdadeiros "becos sem saída", "cul-de-sac") seriam evitadas se admitíssemos que a identidade é heterogênea, e que ela se não refere aos objetos mas sim aos sujeitos. Da mesma maneira que Bergson abandonou a falsa continuidade, que é homogênea, introduzindo a idéia duma continuidade profunda, de aspectos irreduzíveis, afigura-se-nos necessário que nos convençamos de que a verdadeira identidade é heterogênea, isto é, de que ela pressupõe a diversidade das consciências, e o seu caráter insubstituível. Esta identidade, que é a identidade do amor, em vez de provocar confusões, suprime-as, destrinchando e dissolvendo as formas inferiores e pastosas da identidade, e obrigando a sacrificar o que incomoda a originalidade das consciências pessoais e as impede de serem elas próprias."

Esta identidade profunda dos dois amantes, dos dois seres que se amam e que por isso se fundem um no outro, representa a ligação indissociável do uno e do múltiplo. "Não repousa na semelhança dos seus participantes, senão que na sua originalidade harmoniosa. Obriga-nos a dizer, sem termos a audácia da afirmação, que

o mim é o ti; mas unicamente na perspectiva em que o faz ser, e em que éle próprio é querido pelo ti. Os sujeitos identificam-se através dêsse querer, e só o fazem na medida em que se diversificam."

UBIRAJARA ROCHA

DO AMOR DE ONTEM DE HOJE DE SEMPRE

UBIRAJARA ROCHA

Maurice Nédoncelle, mestre francês do existencialismo espiritualista ou cristão, que se movimentava no mundo da filosofia em franca e denodada oposição ao existencialismo materialista ou ateu, escreveu um livro notável, esplêndido, inestimável, repleto de páginas densas, inesquecíveis, em que aborda e fere, de modo sempre palpitante, tôdas as questões e todos os problemas essenciais, sem esquecer os conexos e afins, cuja suficiente solução é necessária a uma verdadeira, bela e harmoniosa construção da "filosofia do amor e da pessoa". O Pe. Nédoncelle é dos pés à cabeça um pensador filiado à corrente filosófica do cristianismo, ou mais exatamente, forma-se entre os partidários do universal e integral humanismo católico, o que o leva a investir vigorosamente contra o pessimismo e o grosseiro humanismo de Jean-Paul Sartre, bem como contra todos os acólitos ou seguidores do chamado "papa do existencialismo", que muita vez se revelam pensadores poderosos mas com o espírito inteiramente colocado na defesa de teses falsas.

A posição de Sartre é, não se pode negar, muito semelhante à de muitos outros brilhantes filósofos e pensadores racionalistas e anticristãos. Numa palavra, Sartre é ao mesmo tempo um grande filósofo e um espírito falso. Neste sentido emparceira-se a Kant, por exemplo, "que os racionalistas fizeram sobressair por significar uma negação das verdades sobrenaturais reveladas". Este julgamento crítico pertence a um excelente teólogo católico, o qual ainda esclarece com justeza:

Quando se analisam as questões sob a luz da verdade revelada, "muitos dos grandes filósofos aparecem como espíritos poderosos mas falsos, que não revelaram mais que um engenho especial para o exposto do erro.

Não passaram de grandes sofistas. Muitos dê-

dêles aparecem como monstros intelectuais, que falsearam completamente a noção de Deus, a do Homem e a do nosso destino. Foi particularmente o caso de Spinoza, de Hume e de Hegel" (e, acrescentamos nós, o de Renan). (R. GARRIGOU-LAGRANGE,) "O Homem e a Eternidade").

Estes filósofos e pensadores, universalmente reputados grandes, se alguém os examina sob "o ponto de vista da revelação cristã", apenas se mostram como engenhosos autores ou arranjadores de palavreado ócio, de fraseologia inútil, estéril. São escritores profundamente desilusórios, vazios, autores de escritos falsos e perigosos. Isto é o que pensa e reflete, no fundo, "todo o verdadeiro teólogo católico e pensava-o Santo Agostinho acerca da obra dos grandes sofistas: "Grande passo, mas fora da via."

"Os homens, depois da morte, vivem na memória daqueles que ficaram na terra e são muitas vezes julgados (glorificados) contrariamente à verdade. Espíritos poderosos mas falsos como Spinoza, Kant e Hegel, recebem o tratamento de grandes filósofos; falsos profetas e heresiarcas, como Lutero e Calvino, aparecem considerados por muitos como mestres do pensamento religioso, ao passo que se despreza olímpicamente grandes santos e grandes doutores." (R. Garrigou-Lagrange, op. cit.).

"Deste ponto de vista, as perspectivas de muitas histórias da filosofia têm de ser singularmente modificadas e a superficialidade de muitos juízos servirá para melhor avaliar o sentido e o significado dos juízos definitivos."

Retomando o fio deixado linhas acima, quando fazíamos a análise do pensamento do Pe. Nédoncelle: este sábio escritor não cai

no gravíssimo erro racionalista que é "a negação do sobrenatural". Não pensa com a "superbia", com o orgulho luciferino ou com a insensata preocupação de negar Deus para se tornar, êle próprio, Deus! Foge, humildemente, da pomposa exuberância crítica da razão fria e árida, do destruidor e falso espírito secamente racional, para se refugiar nas sólidas e verdadeiras noções da religião revelada. É firmemente assentado em tais verdades que expõe seus conhecimentos nacionais a respeito do amor humano e suas preciosas e comovidas realidades.

Um problema grave e fundamental, dentre muitos outros, teve o condão gerar funda preocupação no límpido e luminoso espírito deste grande escritor de nosso tempo. Este problema formulou-o êle, indagativamente, da seguinte forma: Pode o amor coexistir sem atrito com a vontade de desmoralização moral? Ao responder esta pergunta, ao tentar solucionar esta questão, escreveu êle, substanciosa e inestimavelmente:

Além dos perigos que assediam o amor — tais como o sadismo e o masoquismo, que Sartre falsamente pretende considerar como sendo as únicas reduções do amor —, outras insidias e ciladas se erguem ou tomam vulto para desviar o amor de sua vivência natural, isto é, para "desnaturá-lo". Isto assim dito, e desejo de melhor explicitar seu pensamento, acrescenta: "Um outro perigo será o de procurar o brusco sucesso de amor por meio de uma vontade de desmoralização moral."

"Não somente o mim pode querer a inferiorização do ti, para melhor conservar o seu acôrdo e saboreá-lo senão que pode tornar-se ignóbil, para o triunfo do ti. E neste último caso que quero deter-me um pouco, para o examinar, porque é o menos banal e o mais trágico."

Cita, a seguir, o Pe. Nédoncelle, para ilustrar plásticamente o seu pensamento, o depoimento poético de Richard Lovelace, poeta clássico da literatura inglesa:

I could not love, dear, so much
loved I not honour more.

belos.

A jóia que se encontra nestes versos clássicos, traduzidos por Manuel Breda Simões, é o cinzelamento do seguinte conceito de filosofia moral:

"Eu não poderia amar-te tanto, se não amasse mais ainda a honra."

Este pensamento é belo, mas será igualmente verdadeiro?

É discutível, analisado sob certo ponto de vista. Segundo toda a evidência, o Pe. Nédoncelle analisa essa proposição não com a lucidez do filho hostil mas com a clarividência do filho cordial. Escreve ele, guiado pela axiomática de sua apurada formação religiosa e cristã:

"Do contexto poderemos talvez concluir que o pensamento de Lovelace não será o de que o amante ama a honra mais do que ama a sua amante; mas sim que o seu amor por ela é o motivo que intensifica o sentido do dever, quer a sua amante se alegre ou não com isso. Ora, acontece que o amante inverte a idéia expressa por Lovelace, e extrai do seu amor a própria razão do seu aviltamento. Sob uma forma fácil e felizmente verbal, não se declaram os amantes prontos a realizar danos ou malefícios para provarem reciprocamente a sinceridade da sua ligação?"

Tudo fazem, os amantes perdidos de amor, subjugados pela obsessão amorosa, para darem-se os maiores prazeres, satisfações e conforto, e, para isso conseguirem, não vacilam em ir às abdições ou capitulações mais vergonhosas e humilhantes da honra, do dever. Os protestos de amor podem realizar-se até um ponto impossível de imaginar. Realizam-se, apesar de tudo: "Pode mesmo acontecer que a sua realização atinja uma certa amplitude..."

"Há crimes de amor que têm uma perturbante e incontestável nobreza: por exemplo, aqueles que consistem em ser desonesto nos negócios para assegurar mais conforto à uma

mulher, ou para dar uma educação mais cuidadosa aos filhos."

Há, quase sempre, como é de se presumir, uma razão moral justa e suficiente para legitimar tais tipos de desonestidade? Sim e não, há ambiguidade nesta questão interrogativamente crucial. Distintivo, como se dizia na velha escolástica. O Pe. Nédoncelle diz o seguinte, mais narrando ou explicando do que justificando a famosa teoria segundo a qual "os fins justificam os meios" (coisa de invenção asquerosa ou ignóbilmente maquiavélica):

"Eu admito que estas desonras sejam, muitas vezes, complementos vulgares, ou que sejam mesmo inspiradas pela vaidade --- mas nem sempre assim acontece: o crime pode ser impregnado de uma assustadora generosidade --- por exemplo: é para retirar um ser querido e fraco de um meio imoral que o amante decide tornar-se também imoral; ele está pronto a sacrificar a sua honra para, por esse preço, comprar o bem do amado, ainda que tenha de se aviltar perante Deus e perante os homens, e, até, perante o próprio amado."

"Assim como ele quereria dispendar as suas forças físicas e a sua vida, se isso fosse necessário, para salvar outrem, também agora se julga autorizado a todos os erros, e ao suicídio moral, para assegurar não somente a realização física do amado, senão que as suas possibilidades de realização espiritual."

Que vemos aqui, senão o ápice da louca generosidade? Generosidade, sem dúvida, elevada ao heroísmo. Generosidade, heroísmo, dizemos; contudo, não será o caso de dizermos, também, que é "o mais prodigioso desvio do puro amor"? Esta questão foi, muitas vezes, tomada muito a sério pelos místicos, "e a Idade Média está cheia das discussões que eles lhe consagraram."

Na verdade --- santos e místicos nos provaram --- o amor, ainda o mais intenso, não tem permissão para levar os amantes a uma

"reciprocidade máxima", reciprocidade tão profunda que só pode terminar na mais cruel aniquilação da personalidade, do ego pessoal completamente apagado e dissolvido na submissão. Do contrário, o amor levaria àquele desejo do qual disse São Paulo: "Ser anátema para seus irmãos."

Preciso é que se faça distinção, muito firme e nítida, distinção absoluta, "entre a vontade de ser anátema e aquilo a que chamamos o crime de amor." É a lição, a conclusão final do Pe. Nédoncelle, que não ~~hesita em admitir~~ ^{nos} para esclarecer: "E, para limitarmos a um caso de consciência frequente, no qual um pai não hesita em enriquecer desonestamente (dolosamente) para melhor educar e "colocar" ~~seus filhos~~ ^{seus filhos}, adivinhamos que a honra é nadificada em toda a sua extensão, se é abandonada em algum dos seus aspectos. É preciso que o bem esteja na base da ordem industrial ou comercial, para que esta esteja na base da devoção paterna. Os maus meios são, na realidade, fins rivais; e quando julgamos colher um meio para atingir um fim, limitamo-nos apenas a substituir esse fim por um outro fim."

"O amante que se desonra publicamente contraz-se no seu lar; oferece ao amado um escândalo; e mesmo que o amado nada soubesse, ou o aprovasse, um querer que promove outrem por um tal preço divide-se, e não se dá totalmente. É, decerto, impossível escapar na terra aos trágicos dilemas que não podem ser esclarecidos por simples princípios gerais. Os moralistas (evoquem, por favor, as ácidas referências de Nietzsche a respeito da "moralina" invejosa e ressequida) os moralistas suprimiram precipitadamente, com um simples traço, a incerteza, tal como se houvesse receitas para ver claro nos casos de consciência. Em definitivo, um homem está sempre só para resolver as

suas dificuldades concretas..."

Eis, em toda a sua inteireza, a verdade completa --- a verdade da qual nenhum homem compreensivo e judicioso poderá afastar-se um milímetro sequer. A verdade é esta: "um homem está sempre só para resolver as suas dificuldades concretas." Só ele, mais ninguém, poderá decifrar os enigmas e mistérios de sua consciência. Contudo --- contudo, é sábio e prudente e Pe. Nédoncelle, quando opõe esta ressalva:

"Mas a arte da conduta só consiste precisamente em vencer os obstáculos iniciais da obra amante, e em vencer-lhe os elementos abstratos. Ora, a abdicção moral do mim pelo ti não é mais do que uma recusa simplista a resolver os problemas de acordo com o espírito total do amor; é uma retirada que nos coloca perante uma dificuldade, sem tentarmos transformar-lhe os dados. Ora, é por uma atitude bem diferente que o benefício e o sacrifício atingem a sua destinação moral."

UBIRAJARA ROCHA

UBIRAJARA ROCHA

O Pe. Maurice Nédoncelle, denso e exímio pensador católico, estuda com rara profundidade a problemática espiritual do amor humano, cuja real e verdadeira análise constitui, segundo ele pensa, uma necessidade para todos quantos intentam elaborar uma "filosofia da pessoa".

Este puro e brilhante filósofo francês seguidamente afirma que o amor é "uma vontade de promoção mútua", de vez que a reciprocidade é o elo que intima e efusivamente liga ou ata as criaturas. Em outros termos: "Amar implica o desejo de ser amado; e até, numa certa medida, amar implica sempre o fato de ser amado."

A pesquisa ou o exame de amor e das relações amorosas é feita pelo Pe. Nédoncelle através de um pensamento claro, muito significativo e penetrante, nada havendo de sibilino em suas reflexões e interpretações de um fenômeno que, em sua essência, é extraordinariamente esquivo e sutil, prodigiosamente caprichoso e até inexplicável, segundo o conceito da maioria dos psicólogos. Escreve ele, em certa altura de suas inestimáveis considerações de sincero e profundo espiritualista existencial:

"Na verdade, o diálogo é essencial à reciprocidade do amor, e para que ele se estabeleça entre o Criador e as criaturas é preciso que a criatura seja algo mais do que um reflexo necessário, ou um eco automático; é necessário que ela seja, por sua vez, capaz de desinteresse, e que o seja na liberdade da sua opção." (Maurice Nédoncelle, "Para uma filosofia do amor e da pessoa").

A alusão de nosso filósofo é feita, evidentemente, tendo

em vista o amor das criaturas a Deus. Neste amor, "o amado deseja participar na perfeição do amante supremo, para dela lhe oferecer uma imagem autônoma. Numa palavra, o amor de Deus exerce sobre nós a sua força e a sua pressão, não para nos constanger como se fôsemos coisas, mas para nos obrigar a sermos livres." (op. cit.).

É preciso aceitar a verificação segundo a qual --- "a grandeza própria do ser humano consiste em poder alegrar ou contristar o seu Criador." Mas o amor humano, o verdadeiro amor do homem "torna impossível a decepção do amante divino", se, porventura, insistirmos em torná-lo centrífugo, em que "só o dom conta", "pouco importando a atitude do amado e a sua resposta", em que o amado se "desinteressa do emprego que o amado fará da sua liberdade".

Esta ideia, ao que parece, aí ficou lançada de forma um tanto rebuscada, arrevizada e obscura; o Pe. Nédoncelle torna-a mais clara, precisa e compreensível no trecho seguinte:

"Ter um estranho encontro, chegamos em linha reta a essa página inesquecível na qual Goethe exclama: "Se te amo, que poderá isso significar para ti?" Este grito arrogante é, sem dúvida, um grito de alma; entre o amor unilateral e a mendacidade espiritual, Goethe escolhe, e com razão, o amor unilateral. Mas fê-lo por não poder realizar uma reciprocidade que se lhe esquivava. Entre dois males, resigna-se, em suma, a escolher o menor. Defina um sucedido e não a perfeição do amor. A consequência inevitável do seu protesto é um desafio: "Se me não amas, que poderá isso significar para mim?"

Qual, na verdade, a verdadeira significação, a semântica espiritual dessas interrogações? Responde-nos Nédoncelle:

"Todas essas interrogações displícites são

perigosas. Há duas maneiras de nos decepcionarmos: uma é sentirmo-nos contrariados; a outra é constatarmos a mendicidade moral do amado. Ora, estas duas maneiras confundem-se para a consciência perfeitamente amante; porque, não se resignando ao mal, ela diz ao amado: "A minha satisfação é o teu valor", "a minha tristeza é a tua recusa a realizares o valor que estava em ti, e que o meu amor quer ajudar a fazer triunfar".

Como vemos, bem claramente, estas noções finamente ponzadas pelo Pe. Nédoncelle não podem deixar de figurar nos cadernos onde se anotam reflexões sobre a metafísica do amor. O amor, sem dúvida, tem sido, através do tempo, objecto de estudos incansáveis de erros psicológicos. Vislumbra-se, no verdadeiro amor, "o desejo do amante de virguer o amado à harmonia que lhe oferece"; "o desejo ascendente que emociona o amado e que o conduz a procurar a perfeição". Amar, por outro lado, é "dar-se generosamente"; há, no amor, "um voto de encontrar a própria alma, perdendo-a."

"O eros é desejo do melhor, e por isso está destinado não a servir-se de tudo, mas a adivinhar que deve servir o espírito de generosidade."

A luz, necessária para compreender o amor, vamos encontrá-la com abundância no estudo da "reciprocidade das consciências humanas". Esta reciprocidade é capital nesta ordem de análises: "É a sobretude que nos faz acreditar que todo o amante quer ser amado, e que todo o amor encontra, pelo menos, um mínimo de recompensa."

"Há um mínimo de reciprocidade no fato de o amor ter como origem a percepção duma amabilidade do amado. Se é verdadeiramente outrem que eu amo, e não uma qualidade im-

impessoal fixada nele, foi ele que, num certo sentido, começou a amar. Promoveu-me e enriqueceu-me pela simples presença aberta à minha percepção. O meu amor por ele deve começar por uma espécie de ação de graças, e poderei dizer como o poeta:

Sou eu que te devo tudo, pois sou eu que te amo.

Reflexão muito profunda e no entanto extremamente clara, destituída de qualquer contorção mental, contrariando tudo quanto se tem dito até aqui, de maneira constante, tenaz, por psicólogos frívolos ou por filósofos que não enxergam além da superfície das coisas.

Continuando: não se vá objectar que a pessoa amada por mim ignora que "uma virtude saiu de si"; ela talvez nem saiba que eu existo. Por que razão havemos de dizer que ela é "minha benfeitora"? A uma objecção dessa força e dessa natureza o Pe. Nédoncelle encontra lucidez para plenamente responder:

A pessoa que amo "não me quis nomeadamente, não se voltou para mim em consequência duma decisão particular, senão que se deu ao mundo"; mas, em mim, "desenvolveu a sua actividade, em mim deixou transparecer a sua consciência. E é assim que faz irradiar o seu ser no meu."

Esta explicação é singularmente propícia para evocar uma página fascinante de Nietzsche, atraindo outras considerações de notável adequação ao assunto. Com efeito, é o que faz o Pe. Nédoncelle, com toda a cintilação intelectual de sua imensa cultura, com toda a riqueza de seu espírito tão hábil em formar e maleabilizar conceitos:

"Nietzsche fala da virtude que enriquece --- schenkende Tugend --- emanada de certas personalidades. Essa força irradiante não é a-

espangão de Sócrates ou de S. Francisco de Assis. É inseparável de qualquer existência pessoal. Estar no mundo é ser um mínimo de bondade oferecida em público. As necessidades humanas estão, sob muitos aspectos, escondidas pela máscara cômica; mas um aspecto há sob o qual não podem deixar de patentear-se, e de comunicar a sua parcela de excelência àqueles que as contemplam."

E a seguir, em digressão penetrantemente densa e excelentemente pensamental:

A situação humana tem tantos aspectos trágicos ou absurdos, que devemos fazer ressaltar com alegria esta propriedade feliz do nosso destino. Estar no mundo é poder dissimular-se e realizar desordens; mas é inicialmente, e antes que o mal comece, entrever a própria alma às outras almas, e oferecer-lhes o benefício de uma presença inicial. Um rosto que aparece é uma realidade que se dá, um segredo que se deve dar fartivamente, um valor que se difunde e se não retoma. Cada qual sabe que é uma iluminação festiva por detrás de um grámen, e, na consciência mais enferma ou mais reclusa, uma verdade fundamental canta ainda a alegria desse dom necessário e inocente. A pessoa é uma expressão e um papel: cada calculou os seus efeitos ou infectou a atmosfera. Mas, no começo, ignora os seus esgares, e é inocência e confiança. O amor espanta este momento inicial, e é por isso que nasce da reciprocidade, ainda

que muitas v&ezes se afunde na solid&eo."

O amor --- muita vez é grito, lamento, gemido da subjetividade solitária, escondida por trás da opacidade da consciência. Mas... este é tema central que nos preocupará a atenção em próximo ensaio desta série de estudos que estamos fazendo acerca do amor --- sentimento profundo e que vai durar enquanto durar a alma humana, enquanto o homem se arrastar pela face enrugada deste ~~desperante~~ ^{desperante} "gentil planeta" que nos coube por insípida mas transitória morada.

UBIRAJARA ROCHA

UBIRAJARA ROCHA

QUE é afinal o amor, propriamente e não retoricamente falando?

Procuramos uma resposta para esta pergunta, que tanto nos perturba o coração, na obra ao mesmo tempo volumosa e ricamente espiritualizada de Pietro Ubaldi. Que nos diz a esse respeito o grande místico e metafísico italiano, que nos deu a honra de vir residir entre nós?

"O amor, efetivamente, --- escreveu ele --- o amor não é um sentimento sómente para uso da prole, mas também é para a satisfação dos genitores. Se é um fenómeno biológico, demográfico e social, de interesse coletivo, é também um fenómeno electro-magnético, harmónico e genético, de interesse individual." ("Asconções Humanas").

Isto assim dito pressegue e iluminado escritor dos assuntos da alma: "A troca de vibrações de sinal eléctrica oposta é um excitante de dinamismo nervoso, constitui um "do ut des" ("dou para que me des"), em que as duas cargas opostas reciprocamente se descarregam de supérfluo e se carregam do necessário."

E ainda mais:

"A troca harmónica, fenómeno ainda não bem compreendido pela ciência..., realizando-se através das mucosas, abastecendo a célula, influi como regulador e activador do metabolismo. Por último e conexo aos precedentes, aparece o fenómeno genético pelo qual, através da nossa vida in-

individual, uma outra vida se individualiza, até tornar-se autónoma, destacando-se dos procriadores."

Pietro Ubaldi, finalmente, acentua absolutamente convencido da veracidade do que enuncia: "Tudo isto é necessário e útil à vida dos genitores, independentemente da procriação."

"A medida que o ser evolui --- continua ---, o seu amor se torna cada vez mais espiritual. O involuído não sabe compreender o amor senão na sua forma inferior, egoísta e carnal. O poderio, a beleza, a liberdade, a alegria do amor espiritual constituem para ele o inconcebível, porque estão fora das suas possibilidades perceptivas. Só em cima, onde os seres não amam carnal e egoisticamente, pode-se ter um amor que se sobrepenha à traição, à desilusão, à morte."

Aprofundando ainda mais esta série ou ordem de considerações, vemos que em Unamuno, angustiado e profundo pensador espanhol, glória indestrutível do pensamento filosófico hispânico, a visão de amor adquire visão de imensa significação dramática. O amor, para Unamuno, é um sentimento trágico, terrivelmente patético e doloroso. Assim escreveu ele nas páginas densas, inesquecíveis de seu profundo livro significativamente intitulado "Do Sentimento Trágico da Vida":

"O amor, leitores e irmãos meus, é o que há de mais trágico no mundo e na vida; o amor é filho da ilusão e pai da desilusão; o amor é consolação na desolação, o único remédio contra a morte, da qual é ele irmão."

Eros é pois, seguramente, irmão de Thanatos. Ele tanto suaviza como enlequece quem o sente ou experimenta. Tante cura como mata. Sua irmandade com a morte é bem refletida nestes versos do sombrio e pessimista Leopardi:

Fratelli, a un tempo stesse, Amore e Morte
Ingeneró la sorte.

Curiosamente ambivalente, paradoxal, contraditória é a essência ou natureza de amor: tanto ilude como desilude, tanto consola como desconsola, tanto fascina para o bem como leva irresistivelmente para o mal. É fria, ardor sfo e colérico, como é, igualmente, der, piedade, compaixão. Diz novamente Unamuno:

"O amor busca com furor, através do objecto amado, alguma coisa que está para além dele; e como não a encontra, desespera."

Perseguido diz, sempre persuadido de ter a verdade na mão: "Sempre que falamos de amor, temos presente à memória e amor sexual, o amor entre o homem e a mulher, para perpetuar a raça humana sobre a terra." (...) "No fundo, o amor não é idêntico nem volitivo: é antes desejo, sentimento; é algo de carnal, até mesmo no espirito."

"Graças ao amor, sentimos e que de carne há no espirito."

"O amor sexual é o tipo gerador de todos os demais amores."

"No amor, e pelo amor, procuramos perpetuarmos, e só nos perpetuamos na terra com a condição de morrerem, sob a condição de darmos aos outros a nossa vida." Os seres mais humildes

O sacrifício pelos outros, a doação aos outros de nossa vida, através do amor, é uma imposição universal, de cujo domínio ninguém escapa:

"Os mais humildes animais, os mais ínfimos seres vivos, multiplicam-se dividindo-se, separando-se em dois, deixando cada um de ser o que antes era."

É isto e mesmo que dizem: vivem os filhos, enquanto eclipsam-se os pais. A lei natural é esta: os filhos devem crescer, os pais desaparecer. Lentamente, os pais passam apenas a semi-existir,

ao passo que os filhos de dia para dia e cada vez mais se tornam independentemente vivos. Esta bela e original idéia foi lucidamente explorada por Hermann Hesse, em relação aos poetas e escritores de génio, no que diz respeito à criação de suas obras. E levando mais longe sua comparação, ou ou melhor, dando desta sua exata significação, escreveu:

"Acontece o mesmo com as mles. Ao gerarem os filhos, amamentam-os e tornam-os belos e fortes, elas próprias passam à insignificância, e ninguém mais por elas se inquieta." ("Demian", romance).

Retomando e fio, deixado em Unamuno; escreveu, ainda, este super-angustiado filósofo literário da Espanha de glória imortal:

"Há, sem dúvida, algo de trágicamente destrutivo no fundo do amor, tal como se nos apresenta na sua forma animal primitiva, nesse instinto irresistível que leva o macho e a fêmea a confundir as suas entranhas, num estreitamente furioso." Fácil é vislumbrar — dizemos nós —, no amor de homem e da mulher, mesmo esclarecidos e superiores, esse primordial abraço animal, esse abraço amoroso, profundo e ardente, responsável pela elaboração das nesses futuras, pela multiplicação da raça.

Mas não só isto é trágicamente discernível no fenómeno do amor; diz Unamuno:

"Aquele mesmo que une os corpos, separa, sob certo aspecto, as almas; ao abraçarem-se, ediam-se tanto como se amam, e sobretudo lutam, lutam por um terceiro, que ainda não vive."

"Tem-se dito que o amor é egoísmo reciproco." Nada há a objectar-se contra isto, e mais ainda é verdade: "cada um (dos amantes) é, ao mesmo tempo, tirano e escravo do outro." — "Cada um dos amantes é para o outro, directamente, um instrumento de prazer, e,

indiretamente, de perpetuação."

"No fundo amor, no mais fundo, existe um abismo de eterno desespero." Ainda mesmo o amor mais espiritual é profundamente doloroso. No amor, "o padecido padecerá tritura os corações."

Todos os amadores se apertam num abraço de desespero. "Amar é ter compaixão, e se o prazer une os corpos, o sofrimento aproxima as almas."

A compaixão, a piedade dolorosa do amor atinge as raízes subterrâneas do coração. A felicidade de se amarem cria entre os amantes um gosto amargo do destino. "Mais ama quem mais se compadece."

"O amor da mulher, principalmente, é, sempre, no fundo, compassivo e maternal. A mulher dá-se ao amante, porque o sente sofrer com o desejo."

Assim dizia Miguel de Unamuno, o gênio filosófico mais profundo e luminoso da Espanha, pátria do pensamento nobre e elevado e de sensibilidade cheia da mais fina poesia.

UBIRAJARA ROCHA

DO AMOR DE ONTEM DE HOJE DE SEMPRE

UBIRAJARA ROCHA

Demonstra-nos, convincentemente, o Pe. Maurice Nédoncelle, insigne pensador francês contemporâneo, em certa e brilhante passagem de seu livro "Para uma filosofia do amor e da pessoa", que o amor, quando existe como uma chama ou incêndio da alma subjetivamente solitária, isolada, desconhecida de outrem, não passa de uma doença da alma, de uma enfermidade da personalidade; o amor, assim considerado, como aventura íntima da personalidade, ignorada de todos, é uma doença mortal da consciência, tal como o é o pecado. O verdadeiro amor, em contrapartida, é o amor recíproco, o amor que se traduz na "vontade de promoção mútua", o poderoso e arraigado egoísmo individual se abrindo em desinteresse e na criação do contínuo bem-estar do outro. Assim sendo, a felicidade que criamos para os que amamos resulta em ser a nossa felicidade própria; ou, mais exatamente, somos felizes com a felicidade que proporcionamos ao amado.

O Pe. Nédoncelle diz estas coisas com absoluta serenidade, visto estar seguramente convencido da seriedade e inteira veracidade de suas proposições, extraídas da corrente filosófica que segue ou de que é um dos mais altos representantes, isto é, o espiritualismo existencial, movimento de idéias ~~absolutamente novas~~ de raízes e de estruturas absolutamente cristãs e mesmo católicas. Este raro e grande filósofo moderno tudo pretende dizer em espírito e verdade; aprofundando sem cessar as suas análises a respeito dos temas que constituem a "filosofia do amor", atinge a essência da natureza espiritual da pessoa humana, fulcro único do amor humano na superfície da terra, com exceção de Deus, Ser Perfeito, digno de amor espiritual infinito.

Escreve o Pe. Nédoncelle, sem jamais sair do altiplano das idéias mais soberanamente elevadas, límpidas e profundas, que, ao amarmos, formamos um nós, e que esse nós é inativo. Ou, como ele próprio diz, bastante expressiva e plásticamente:

"Por outro lado, o nós do amor é inativo:

não porque crie o mim e o ti, mas apenas porque exprime o seu estado de reciprocidade. A consciência amical não é qualquer coisa que se acrescente numericamente aos dois amigos, como se fôsse um terceiro indivíduo ou mesmo uma terceira força separada dos seus dois quereres. Não os fixa no seu sentimento através de um choque devolvido, mas somente a ^{os}acompanha; é a natureza espiritual das suas pessoas."

Assim, "o nós do amor ^é inativo"; contudo, isso não quer dizer, absolutamente, que também esse nós não seja ativo. Em outras palavras, o nós do amor tanto pode ser inativo como ativo, isolada ou simultaneamente. Não há nenhuma obscuridade ou nebulosidade nesta concepção ou idéia, claramente explicada na passagem que se vai ler:

"Se o nós é ativo, é-o pelo pêso das passões que sue escreveu definitivamente numa biografia comum que continua indestrutível e agente em dada uma das biografias. O nós é ainda dinâmico sobre outro aspecto: na medida em que é uma consciência ampliada, estimulante, que arrasta os seus participantes para novos progressos, respeitando a sua livre decisão."

Compreenderam?

A atividade e o dinamismo do nós amoroso, caso sua idealização tenha ficado obscura ou nebulosamente vaga na explicação acabada de dar, podem ser aclarados da seguinte forma, consoante o Pe. Nédoncelle:

O nós amical é ativo e dinâmico, porque ---:
"Não é um tutor que nos obriga a crescer, nem um mecanismo capaz de nos reeducar. É uma velocidade e um ritmo que nos convida a

adquirir em comum valores mais elevados. O seu movimento próprio, se existe, consistirá ~~em~~ reapresentar uma força superior de identidade mais densa do que aquela em que nos encontrávamos. Na verdade, o nós é mais ou menos denso: cada grau de união que ele exprime desperta-nos o temor de nos desunir, impelindo-nos para a busca dum traço recíproco que seja mais íntimo."

Muito justo e muito certo é assim pensar, sobretudo para quem, como o Pe. Nédoncelle, tem o gosto e a tendência de ser mais um pneumatólogo do que um simples psicólogo: a pneumatologia lança o escafandro da análise nas profundezas submarinas do ser, enquanto que a psicologia contenta-se em permanecer na orla ou na superfície das investigações e pesquisas das coisas do espírito, nada indagando de realmente profundo e substancial, existente no pensamento e no sentimento do homem.

Prosseguindo, notaremos, desde logo, que há outras importantes considerações a serem feitas, necessariamente, em torno do nós subjetivo, criado por eros ou o amor natural. Observamos, inicialmente, que, em princípio, o nós subjetivo funciona, aparentemente, na humanidade, limitado à diade humana, ao duo ou par humano implicado no amor. Esta idéia apresenta complexidade, oferece certa confusão mental, pelo que é necessário darmos novamente a palavra ao Pe. Nédoncelle, para que a esclareça convenientemente, dissipando qualquer ambiguidade que em torno dela possa girar:

"mesmo que o nós subjetivo seja, em princípio, indiferente ao número dos seus associados, e capaz duma extensão indefinida sem que a sua forma se altere profundamente, parece, na humanidade, limitado à diade: a consciência só consegue tornar-se verdadeiramente recíproca entre dois seres pessoais.

É essa a nossa condição. Será necessário tomar a sério a idéia bíblica de Adão e Eva. E, para mais, a própria diáde é caduca, intermitente, realizando-se de maneira fragmentária. Nec sine te, nec tecum. Quantas vezes as trajetórias se cruzam para se afastarem! Os climas mais felizes têm os seus nevoeiros e as suas tempestades."

Palavras verdadeiramente densas, compactas, de profunda e autêntica apreensão do real. Observem demoradamente, ou meditem prolongadamente, na idéia central, na concepção modular do filósofo: "a consciência só consegue tornar-se verdadeiramente recíproca entre dois seres pessoais." Inexiste, portanto, a reciprocidade afetiva entre um ser e um número indiscriminado de pessoas. A reciprocidade --- a genuína, a verdadeira --- limita-se às duas consciências pessoais implicadas no par, na diáde humana. É a lição do par inicial, a lição de Adão e Eva.

Contudo, o nós subjetivo pode alimentar, em sua inata amorosidade, muitos pares, muitas diádes amorosas, muitos duos afetivos. Aqui temos a noção de que o nós subjetivo é "capaz duma extensão indefinida sem que a sua forma se altere profundamente", como acima já ficou dito, assinaladamente. Contudo, há problematidade, há fundada ambiguidade na formação dessas triades ou tétrades amorosas; embora admitidas, elas encerram inegável problematismo existencial. A idéia é engenhosamente tratada pelo Pe. Nédoncelle, desta forma:

"Claro que muitas diádes são possíveis (Eva e Abel, Abel e Caim, etc.). Mas a existência de uma triade ou de uma tétrade... é bastante problemática: refiro-me a uma comunidade na qual três, quatro... consciências pessoais sejam simultaneamente transiêntes umas às outras, de tal maneira que cada uma se volte amorosamente para as outras

outras como se elas fôsem uma só, recebendo delas uma atenção igual e simultânea. A triade tem por fórmula: a-b, a-c, b-c. Parece que a comunidade familiar nos fornece o seu tipo elementar. Mas quem poderá afirmar que o pai, a mãe e o filho são capazes de pensar cada um nos dois outros, e ao mesmo tempo, sem que falhe um dos três? Dois seres podem unir-se pessoalmente na devoção que têm por um terceiro: a diáde acompanhada dum "para ele" é frequente. Mas, voltar-se-á o terceiro para os dois outros com a mesma finura de percepção distinta, e sem perda de contacto?"

A explicação nédoncelliana continua a avançar --- densa, compacta --- no mesmo tom, sem perder o timbre forte, poderoso:

"A produzir-se, e traduzindo verdadeiramente um querer de promoção mútua, tal participação é certamente muito instável. Ou se obtém uma passagem rápida e alternada duma diáde à outra, ou a triade desce abaixo do nível pessoal que aqui considero, degradando-se numa aparência de comunidade, tão confusa como o sentimento de equipe ou de grupo. Então só a idéia duma tarefa comum poderá ligar os membros do grupo, e não os seus próprios mim.

"O nós subjetivo é substituído parcialmente pela representação do outro ou dos outros, isto é, por um nós objetivo. É pela mediação do nós objetivo, e pela aproximação duma diáde a outra que o amor conserva a possibilidade de unir moralmente todos os homens, apesar da sua descontinuidade e de acordo com as exigências contidas já na relação sincera de dois amantes.

"Mas os vastos horizontes são sempre reduzidos a uma forma

mais humilde; refletem-se de través no espelho estreito a que a própria diade se reduz."

UBIRAJARA ROCHA

DO AMOR DE ONTEM DE HOJE DE SEMPRE

UBIRAJARA ROCHA

O amor --- elfo esquivo e caprichoso, gênio áereo e delicado, sentimento fêgido e indefinível --- vá lá alguém entendê-lo!

Entre os muitos espíritos notáveis que estudaram a fundo o amor tornou-se bastante apreciável e digno de nota o filósofo francês Maurice Nédoncelle, filiado à moderna corrente do espiritualismo existencial, dono de uma bela e poderosa capacidade de filosofar sobre os mais intrincados e perplexos tema da atualidade. Sobre o amor escreveu ele páginas densas, verdadeiramente ricas de conteúdo espiritual, notavelmente claras e profundas, como, aliás, sói acontecer com todos os pensadores franceses, a partir de Pascal, Montaigne, Descartes... A profundidade e a originalidade do Pe. Nédoncelle, adversário da friedevotidade e cálido ~~amix~~ do espírito sério, da alma religiosa, pompeiam, visivelmente, na pequena amostragem de suas idéias, que faremos no curso destas nossas despretensiosas divagações sobre o palpitante tema do amor humano, indissociavelmente implicado na construção ou na elaboração de uma "filosofia da pessoa".

O amor --- sentença o Pe. Nédoncelle --- traz em seu germe, em seu núcleo, um imenso e profundo impulso de reciprocidade; ou, mais exatamente, na generosidade do ~~impulso~~ ^{impeto} amoroso podemos facilmente discernir --- "uma vontade de promoção mútua." Essa troca recíproca de estímulos, visando uma mútua promoção, jaz nas raízes subterrâneas do amor, circula nas profundezas de seu mundo submarino, subliminal. O Pe. Nédoncelle é bem explícito ao conceituar espiritualmente esta verdade do amor humano, traçando, com mão segura e firme, estas considerações que se vão ler e que devemos guardar na memória:

"Amar implica o desejo de ser amado; e até, numa certa medida, amar implica sempre ^{dupla} o fato de ser amado. Eu sei que com esta ~~firm~~ ^{firm} afirmação ~~vos suscit~~ muitas perplexidades.

Os meus contraditores vão gritar e apontar o escândalo de tal afirmação, tal como se eu introduzisse o egoísmo no seio do desinteresse. E acusar-me-ão também de tomar as quimeras por realidades: — não é evidente que o afeto nem sempre é retribuído? No entanto, não vejo maneira de renunciar aos meus paradoxos." (Maurice Nédoncelle, "Para uma filosofia do amor e da pessoa").

Delineam-se ou insinuam-se aqui a velha e sempre correta verificação sensível segundo a qual o "amor morre quando é retribuído demais", ou que "nada é mais nocivo e estéril do ^{que} a bondade sem habilidade".

Estou em erer que não pensamos, que não meditamos bastante sobre a natureza misteriosa e paradoxal do amor, limitando-nos a aceitar conceitos e idéias secularmente estabelecidos. Mau grado seja difícil ou quase impossível ter-se alguma certeza nesta questão misteriosa, complexamente ondulante e vária, parece prudente concluir de maneira ~~exatamente~~ ^{geralmente} igual à maneira de entender e interpretar do Pe. Nédoncelle, pensador que ^{reflete} ~~reflete~~ e raciocina com a mesma justeza de um batalhão de psicólogos. A respeito do amor, a bem dizer não podemos adiantar mais nada, além do que ensina este grande mestre do pensamento cristão; para expor as idéias que professa, os pontos de vista que sustenta, principia ele por fundamente combater ou hostilizar a axiomática do amor construída e defendida pelo Dr. Nygren, no seu livro "Eros e Ágape", brilhantemente difundido na Europa em anos recentes (1944). Nédoncelle pulveriza, espiritualmente, as teses ^{ao escrever} ~~de Nygren,xxxxxxxxx~~ com a completa segurança dos que detêm a verdade íntegra e pura:

"Eis como este pensador luterano concebe as coisas. Há duas espécies de amor. Um é eros: é o desejo do melhor, a aspiração aristocrática do mim humano que quer elevar-se a um

estádio divino. Só pode satisfazer-se tomando como objeto o próprio Deus. E motivado pela percepção da beleza que reside nesse objeto supremo. O outro tipo de amor é ágape: é o dom e o sacrifício de si pelo ser amado; cria o valor do seu objeto; é espontâneo e gracioso; e não é, de modo algum, motivado pela excelência do amado. O eros é centrípeto, a ágape é centrífuga; são dois movimentos espirituais que nada têm de comum."

Consoante refere Nygren, esta dualidade ou oposição psicológica nós a podemos encontrar nas relações amorosas das pessoas como, também, no estudo da história. Assim, do que diz, colige, naturalmente, aquele autor protestante:

"Os filósofos gregos conheceram eros; o cristianismo revelou-nos ágape. Se ficarmos na perspectiva helênica, o amor exprime a natureza do homem e corresponde à sua tendência para a perfeição. Não podemos, decerto, confundir a Venus popular e a Venus celeste: é claro que eros é nobre. Mas nem por isso deixa de ser um egoísmo superior. O seu postulado diz-nos que a alma humana tem um valor divino introduzido no fundo de si própria; e que o fim que visa é a divinização do mim."

"Felo amor (eros), abre-se a alma ao desejo de alcançar a perfeição absoluta, da qual aqui em baixo está exilada, dela guardando uma nostalgia indestrutível. O amante está apaixonado por si próprio e, em consequência disso, procura possuir Deus a fim de se tornar divino. Quanto ao amor pelos outros seres humanos (amor de caridade), nestas condições, não pode ser mais do que um instrumento para chegar até si e até Deus. O próximo (o "outro") é um escalão que se utiliza

para subir até ao divino, e só podemos estimar razoavelmente os nossos congêneres a título de meios para a nossa ascensão: amamo-los propter Deum."

Tal é, em linhas gerais, a empolgação, o arrebatamento que ^{helênico,} suscita nas criaturas terrestres o eros ~~hixifrisax~~ movimento espiritual de natureza centripeta. Mas, como dissemos, o habitante da cidade ^{doloroso} de temporal, o homo viator, o peregrino em trânsito por este mundo cheio de triste e insensato tumulto, igualmente pode emocionar-se profundamente sob a inspiração de um outro amor também de raiz ^{centrífuga.} histórica, movimento espiritual de natureza ~~hixifrisax~~ Este é o amor sobrenatural, radicalmente oposto ao do ideal grego; é a ágrape, que cultua e diviniza a Venus celeste e sobre a qual é necessário dizer, para compreendê-la, que

"a ágrape é o amor sobrenatural que emana do próprio Deus e que nele só tem a sua subsistência: desce gratuitamente até nós, em consequência de um sacrifício do Altíssimo."

A ágrape, portanto, é amor ou dom gratuito (dado de graça) por Deus, o que não acontece com o amor da Venus popular.

"Nós que somos o seu objeto e que o recebemos, não somos mais do que criaturas miseráveis; o nosso mim não tem, em si próprio, nenhuma amabilidade, nenhum direito, nenhum valor intrínseco."

"Se amamos o próximo, é porque a ágrape divina, ao atravessar-nos, nos leva a agir assim, como uma causa eficiente e não como uma causa final.

"O homem é amado pelo homem porque o dom que vem de Deus o exige; e esse dom é inteiramente desinteressado: é puro de qualquer infiltração egoísta.

"Só a ágrape ~~funçã~~ita e funda a verdadeira "filantropia".

Constata-se isto, de maneira bastante evidente, na imperatividade do preceito evangélico, que determina o amor aos nossos inimigos; amar, perdoar os nossos inimigos, fraternizar-nos com eles é uma espécie de imperativo categórico da Palavra Divina, que ordena absolutamente e sem condições. É um amor que nos é evangélicamente imposto, caridade que não podemos contornar ou fugir com evasivas, pretextos ou subterfúgios diplomáticos, com explicações obliquas, com justificações políticas, isto é, indiretas. Apenas este amor de caridade universal, que nos leva a fazer o bem e a amar a quem nos maltrata, nos ofende, nos injuria, nos prejudica representa uma atitude insólita, extremamente absurda, louca,

"atitude incompreensível para os filósofos pagãos, desejosos de deixarem correr as agradáveis riquezas do Bem em si."

Ai temos, em ^{abreviadas} ~~abreviadas~~ sínteses, em apertadas sinopses, as duas formas ~~hásdaxicas~~ do amor, cuja formulação (literária, evidentemente) é devida aos muitos estudos e reflexões do Dr. Nygren. Como escreveu este autor, não há conciliação possível entre estas exteriorizações e interiorizações amorosas do ser humano: há, entre elas, um irremediável conflito, uma incurável antinomia, uma oposição mais que diametral. Contudo, da noção (luterana) da ágrape, acima exposta, não há propriamente impossibilidade de se extrair sub-corrente de pensamento, ou algo parecido com micro-teorias inteligentes e compreensíveis. O que não falta às mensagens do espírito são interpretações ou construções de novas mensagens e teorias. Já na antiguidade Santo Agostinho nutria uma concepção especial da ágrape cristã:

"Santo Agostinho --- anota, eruditamente, o Pe. Nêdoncelle --- forjou uma noção híbrida, a noção de caritas, que mistura a ágrape neo-testamentária com o eros grego; e os teólogos da Idade Média continuaram muitas vezes este erro, ou ergueram-no em sistema; mas o cimento nunca

prende. São compromissos que levantam dificuldades insólveis, e que engendram incessantes crises especulativas." Entretanto, tais tentativas não se baldaram e foram, pelo contrário, utilíssimas: "o seu insucesso periódico contribuiu para pôr em relêvo a noção exata de grave"

Enfim --- para resumir derradeiramente e sempre penetrantemente a tese do Dr. Nygren --- conclui o Pe. Nédoncelle:

"Através de "reformas" sucessivas, a consciência cristã libertou-se mais, e compreendeu a sua própria originalidade e o seu caráter sobrenatural. A salvação do amor não vem do homem, cuja natureza é apenas desejo; a salvação vem do céu: derruba e transcende o desejo, porque é dom."

Aguçosamente o Pe. Nédoncelle contesta a pretensa validade desta doutrina, mediante o emprego de uma argumentação muito significativa e penetrante, muito viva e realista, conforme demonstraremos e deixaremos bem evidenciado em próximo artigo desta pequena série de ensaios sobre o amor. Diremos, tão-somente, para finalizar, que a tese de Nygren é inaceitável, é mais uma tentativa falha de compreensão e de aprofundamento do misterioso e também prosaico e banal fenômeno erótico ou amoroso.

UBIRAJARA ROCHA

DO AMOR DE ONTEM DE HOJE DE SEMPRE

UBIRAJARA ROCHA

Nos tempos que correm, de espesso e cru materialismo, é necessária muita audácia a um analista de alma ou mesmo a um aprendiz de psicologia, para publicar algo que lembre, ainda que remota ou vagamente, a pureza ou a espiritualidade do amor. Hoje, em que os costumes são grosseiros e impuros, em que propriamente não há ética nem estética nas relações interpessoais, em que não há romantismo nem lirismo na "arte de amar", em que a arte amatória se converte em lamentável exercício ou prática dos instintos soltos; hoje, finalmente, em que o amor tão abominavelmente se desregra e se mostra "livre", cada vez mais livre ou emancipado das goliças de uma pretensa escravidão dogmática, é dar prova de infantilismo mental querer mostrar a santidade do amor, tentar demonstrar que o amor é o mais belo e profundo mistério da natureza humana.

Atualmente, não se querem mais regras nem elevação moral na pauta vivencial, na chave existencial do amor humano. Afirma-se que o maior erro dos moralistas e dos pregadores religiosos de todos os tempos --- erro imperdoável --- é justamente esse de sustentar a severidade de princípios ou doutrina que estrangulam ou ao menos limitam, excessivamente, a livre expansão dos instintos de nossa natureza animal. Nada mais antinatural --- continuam afirmando --- do que impedir o livre curso da natureza sábia e profunda do instinto; o instinto é uma força, um impulso livre --- tão livre! tão natural! --- e coartá-lo será, seguramente, criar doenças para o espírito, gerar enfermidades para o corpo, preparar a eclosão inevitável de distúrbios psicofisiológicos, dar nascimento a toda a sorte de neuroses, e até psicoses.

A liberdade em amor, como em tudo o mais, parece ser um imperativo categórico de nosso tempo, é, a bem dizer, o libano ou a di-repúdio
visa dos contemporâneos. Dai a cínica e ostensiva guerra à moral, o forte repúdio ou desprezo às prescrições religiosas

nas pessoas camadas mais profundas do que as da consciência superficial e dos seus diálogos." ("Para uma filosofia do amor e da pessoa.").

No amor, quando dizemos outrem, não nos referimos a um "outrem abstrato e indeterminado, sem reciprocidade causal com o ego." E é o amor que enriquece "a essência de toda a relação do mim ao ti"; vale dizer, é "a vontade de identificação".

É preciso reconhecer que é falsa ou inexata a tese de Gabriel Marcel, "para quem continua problemático que o amor afete o ser de outrem". Muito ao contrário, o amor é uma forma de agir sobre o ser alheio (mexe, altera, modifica, eleva, rebaixa, espiritualiza, degrada a natureza ôntica de outrem). Nenhum elemento do par amoroso fica "emparedado em si próprio, mas flui e se dirige ao outro, ao ser que se ama. O olhar, por exemplo, tem um poder reflexivo, um poder que o amante usa para afetar o amado: o olhar prende, cativa, sugere, indica, enfeitiça, medusa --- ordena, acalma, envilece --- vá lá alguém saber ou conhecer toda a força que há no olhar. A verdade é que há causalidade espiritual no olhar, como em qualquer outro elemento do duo ou par amoroso. O poder reflexivo do olhar foi erroneamente negado por Sartre, quando escreveu:

"Um olhar não pode olhar-se. A partir do momento em que olho para o olhar, este desaparece e não vejo mais que uns olhos." (L'Être et Néant, p. 448).

Mas --- como a experiência e a realidade nos indicam --- há amor e amor. Assim, de que espécie ou categoria de amor estamos aqui a falar? Esta é a interrogação que acode à mente de Nêdoncelle, que não se furta ao imperativo de respondê-la sem mais delongas, desta forma:

"O fenomenólogo aponta-nos uma quantidade: o amor conjugal ou paternal, a amizade, a devoção a uma grande causa --- são alguns dos espécimes dessa variedade; não pensamos em qualquer deles, mas sim, e mais exatamente, no gênero imaneente a todas essas espécies. Poderá

parecer que o amor do próximo é suficientemente amplo para abrigar a idéia que buscamos. Nietzsche separa-o, com justeza, do amor de mais afastado, aquele amor que dirigimos a um ser do qual estamos distanciados no espaço e no tempo. O amor do próximo implica um encontro sensível (ainda que se não reduza a uma vizinhança), e também um elemento de perigo sentido em comum (como numa viagem em grupo), querido (como numa equipe de montanha), ou situado nos próprios elementos do par, quando um consente em ser para o outro um desafio benfazejo, ou lhe permite uma espécie de agressão salutar (como na relação entre o doente e o cirurgião).

"Assim entendido, o encontro com outro supõe, para além das responsabilidades e das lutas que engendra, a mediação de técnicas que umas vözes despersonalizam a relação (entre o maquinista de um comboio e os passageiros já não existe o contato humano que existia entre o cocheiro e os seus clientes), o outras vözes a fortalecem e a tornam mais emocionante (o caso do cirurgião, e dos sistemas de informação que precedem ou acompanham as suas decisões, poderia ser de novo citado).

"Enfim, todo o amor do próximo, no sentido restrito do termo, é transitório. É um amor cronometrado, um episódio, como na parábola evangélica do Bom Samaritano; de contrário, estaríamos em presença da amizade, do amor conjugal ou de qualquer outra forma estável do sentimento altruísta."

Não há falar-se, portanto, em teoria do amor, na negação da "reciprocidade das consciências humanas". É o que sempre acentua o Pe. Nêdoncelle, dizendo ainda:

"Presente em qualquer forma concreta de amor, a reciprocidade das consciências está sujeita a parecer mais uma abstração do que um amor." (...) E, por assim dizer, uma

essência espalhada por outras essências." "O conhecimento, que está sempre voltado para o outro, está-o sobretudo no caso da intersubjetividade. Por isso mesmo é uma experiência particular: a experiência da relação nascente com um outro sujeito concreto (porque o primeiro movimento pelo qual as consciências se aproximam é generoso, por mais rapidamente que a graça seja renegada). A reciprocidade das consciências é... um amor que solicita todas as formas a ultrapassarem-se e a realizarem-se, através de uma promoção mútua e perfeita."

"A pessoa, esse "indivíduo racional", é um ser cuja individualidade só se descobre e só se desenvolve conscientemente ligando-se ao universal, de tal modo que não pode cair radicalmente nas próprias barreiras sem se contradizer e sem se degradar."

UBIRAJARA ROCHA

DO AMOR DE ONTEM DE HOJE DE SEMPRE

UBIRAJARA ROCHA

O Pe. Maurice Nédoncelle, combativo belo e precioso livro "Faça uma filosofia do amor e da pessoa", traduzido e prefaciado em 1961 em Portugal por Manuel Breda Simões, bate-se valentemente contra as perigosas teses de Jean-Paul Sartre, partidário do existencialismo ateu, profundamente inumano e anticristão. Pe. Nédoncelle é um pensador espiritualista muito profundo e sério, seu nome repercute com intensa ressonância no mundo cultural do ocidente, seus ensaios filosóficos brilham através de uma reflexão ao mesmo tempo clara, lúcida e amena, partindo do núcleo profundo de sua alma religiosa.

Sartre, seguindo a linha filosófica do pessimismo mais cruel e frio, ao refletir acerca do amor e de suas manifestações, faz a apologia do vício e constrói sua célebre dicotomia erótica, segundo a qual o amor se divide ou se biparte, apenas, em sadismo e masoquismo. Ora, com isto não há jeito de Nédoncelle, escritor católico, pensador cristão, concordar ou aceitar sob qualquer color ou pretexto. Porque, Sartre, com esta tese, mantém-se exclusivamente na face sensorial e mesmo patológica do amor, não sei um só mentado de seu ateísmo e de seu rude materialismo, apenas cultivando a existência do mundo natural e, so isso, negando a existência do mundo sobrenatural. Assim, o amor sartreano é amor de luxúria, amor de áspere atração sensual, amor pestilencial dos sentidos, nada mais que apaixonado anseio sexual.

Com razão pensa Nédoncelle que a escolha amorosa, feita pelo homem e pela mulher, é coisa que exige o maior cuidado e seriedade, é opção que deve ser feita com muita reflexão e muita maturidade emocional. A escolha do destino individual é tema pessoal dos mais trágicos, é assunto insondavelmente dramático; em tal curva do caminho da vida há ciladas e perigos, e ninguém podrá andar descuidadamente, com juízo superficial ou leveza de ânimo. Quando se

trata do casamento --- que é o ato mais importante da vida civil, a mais notável experiência da liberdade humana --- a escolha do parceiro ou companheiro amoroso deve ser muito refletida e ponderada, nunca será objeto de excessiva meditação e análise. O que geralmente traz a infelicidade conjugal é a extrema volubilidade, a facilidade frívola com que é realizada tal escolha, desatenta, nas mais das vezes, às desarmonias internas, viscerais, orgânicas, profundas, que separam ou distanciam um do outro os dois candidatos ao matrimônio. Assim, o casamento infeliz, que tanto hoje se multiplica por aí, é antes fruto da irreflexão e inconstância dos aspirantes à felicidade do que um filho abortivo do destino ou da sorte madrastra de cada um dos nubentes.

Neste capital assunto da escolha ^{tração} racionada, calma e sazoadada do parceiro de amor, ~~marxismo~~ o Pe. Nédoncelle considera as densas e muito dignas de nota. Nisto, tanto para o homem como para a mulher, nada é mais decisivo que a escolha bem feita ou mal feita. Tal escolha é, a bem dizer, uma benfeitoria ou fatal encruzilhada do destino. Mas tal escolha --- assegura o Pe. Nédoncelle é sempre ou geralmente feita segundo a definita diversidade dos caracteres e temperamentos individuais. A escolha varia conforme a ^{variedade} diversidade das pessoas que devem fazê-la. A este respeito acentua o ~~marxismo~~ ^{nostro} espiritual que estamos seguindo:

"É por isso que as almas ingênuas e honestas são muitas vezes tomadas pela vertigem perante as suas inclinações nascentes: a hesitação da jovem, no momento de pronunciar o seu primeiro sim, tem muitas vezes como causa o medo de mentir, indo além do que sentiu. À beira da terra desconhecida, é preciso arriscar como se a exploração estivesse feita. É preciso jurar sobre aquilo que ainda não conhecemos, e que talvez nunca conheceremos. As naturezas mais finas são, no primeiro momento, tentadas a recusar; e necessitam de muita

coragem para para vencer esse escrúpulo. Só as naturezas estúpidas imaginam que basta o amor à primeira vista, e nele arriscam o essencial do amor; só as naturezas falsas se comprazem com tal, explorando a respectiva embriaguez, como se amor infinito pudesse descer completamente sobre o presente e dispensar as obras futuras para adquirir a sua verdadeira imensidão."

Frequentemente, portanto, cabe aos mal casados a exclusiva culpa de sua infelicidade no lar; tal infortúnio advém sobretudo da má ou precipitada escolha que fizeram do parceiro de aventura erótica, muita vez deixando-se levar apenas pelo fascinados detes físicos, ^{pelos} ~~mas~~ ^{entram} qualidades da alma ou espírito; em suma, ~~marxismo~~ ^{na santuário da} ~~marxismo~~ longa e acidentada vida de lar doméstico sem fazer a necessária distinção entre amor e desejo, lamentavelmente confundindo-os e crendo ~~confididamente~~ ^{confididamente} que realmente se amam quando, na verdade, apenas passageiramente se atraem e se querem.

O Pe. Nédoncelle é limpidamente explícito no estudar e analisar as relações amorosas das pessoas humanas. O amor, pensa ele, é um projeto subjetivo e solitário que o ser humano encapsula em sua consciência livre. E prossegue; ao apontar os erros de Sartre:

"O amor é um imperialismo da consciência votado à tarefa impossível de conciliar a ~~liberdade~~ ^{liberdade} a liberdade, isto é, de agir sobre a liberdade de outrem." Erro principal de Sartre, segundo o qual o amor "não exige a abolição da liberdade do Outro, senão que a sua escravização enquanto liberdade, isto é, a sua escravização como escravização."

Não devemos desejar nunca sermos amados por escravos. E, por outro lado, o amante não deve transformar-se em sedutor; não é verdade, como diz Sartre, que "o amor não é mais do que sedução, isto

é, vontade de ser amado." Falsa é a proposição original de Sartre: "amar é querer que me amem e, portanto, querer que o outro queira que eu o ame." Desta forma, resulta que "o amante é arremessado para o seu próprio ser, vindo fechar-se no seu projeto subjetivo e solitário, não transcendendo a transcendência de outrem, da mesma maneira que não suprime a sua transcendência aos olhos de outrem."

"Compreende-se que a dificuldade que, adentro de uma tal concepção, o amor esteja impregnado de dor. O sofrimento é para os amantes o meio de reforçarem desesperadamente a ilusão de que a sua própria iniciativa é objeto de oferenda."

Este tópico é de molde a suscitar ^a uma recordação de uma noção cultural, extraída do mundo vago e imenso da arte; apresenta-a o Pe. Nédoncelle, nestes termos:

"Há alguns anos, Maurras tinha sustentado, num dos seus Contos filosóficos (Myrto), que o amor é impossível sob qualquer das suas formas, quer se trate de amor popular, platónico ou cristão. As torturas que daí resultam são para Maurras, em grande parte, uma vingança da ordem das coisas contra a nossa louca esperança em unir duas iniciativas num compromisso recíproco e absoluto; e sofremos esta vingança em mil ricochetes que nos ferem."

Torturas e mais torturas --- eis o amor. "Para Sartre, essa tortura não nos limitamos a suportá-la, senão que chamamos a tortura à tona água, servindo-nos dela como se se tratasse de uma magia, afinal vã e ineficaz."

A verdade, porém, é que "as provas apresentadas por estes dois escritores (Sartre e Maurras) não autorizam conclusões tão

gerais." É duvidoso que tais conclusões sejam infalivelmente certas e que devam ser aplicadas a todos os amantes. A obra do amor nem sempre é inadequada à sua essência, a posse amorosa não é exclusivamente centrípeta mas centrífuga e há uma evidente reciprocidade na atividade ~~mutuamente~~ amorosa.

"O sofrimento (que nasce do amor) só intervém fatalmente para advertir as consciências da insuficiência da sua obra; enquanto para Sartre é a presença de uma guerra de morte, fruto amargo que está no fundo da provocação. Atrás do infinito que o sofrimento convida a traçar há, para este autor, uma promessa de decepção e de nada; para mim, existe aí a garantia duma perfeição ou duma realização."

Não se olvide, de outra parte, que Sartre apenas dedica meia página ao exame de um rico problema psicológico do amor: o da reciprocidade satisfeita. Com efeito, o grande metafísico francês parece evitar a análise deste problema, apenas tentando vagamente explicá-lo, ou melhor, abordando-o "por um acaso passageiro." Contrariamente ao que ^{duple} ele pensa, essa reciprocidade dos amantes felizes existe, não é abstração, mera fantasia de poetas e pensadores românticos.

UBIRAJARA ROCHA

UBIRAJARA ROCHA

Maurice Nédencelle, escritor católico, pensador filiado à corrente espiritualista, alta expressão de chamado existencialismo cristão, em que pontificam o filósofo Gabriel Marcel e outros, desenvolvendo-se em franca e radical oposição ao existencialismo ateu, no qual brilham, entre outros, metafísicos da envergadura de Jean-Paul Sartre — traçou reflexões muito dignas de nota, em páginas densas e inesquecíveis em seu livro "Para uma filosofia do amor e da pessoa". Em tal livro há muito estudo e muita especulação a respeito do amor — do amor de ontem, de hoje, de sempre —, dos quais é possível extrair-se conclusões de inestimável valor, aprovadas não somente pela inteligência pura ou teórica como pela inteligência prática.

O Pe. Nédencelle combate e hostiliza as teses centrais de Sartre, no atinente à filosofia do amor humano, que o grande metafísico francês reduz a duas únicas categorias viciosas, isto é, sadismo e masoquismo. Sartre é seco, duro, árido, e para ele o amor é apenas vício. Ora, contra isto se insurge o mestre católico e cristão, em espírito e em verdade, dada naturalmente a sua formação religiosa. De certo, jamais o belo, poderoso e integral humanismo cristão poderia ^{dia-} aceitar a linha filosófica do pensamento sartreano, em qualquer de seus matizes ou nuances, e sua atitude será sempre a de negá-lo e contestá-lo tanto em pormenores como em blocos.

Nédencelle emprega um inestimável instrumento de análise — a lógica das verdades do cristianismo, que aprecia e exalta sobretudo a dignidade essencial da pessoa humana, não apenas atelada nas exigências de sua natureza animal —. Ele procura extrair da relação amorosa entre homem e mulher a sua essência espiritual, e que jamais passou pela cabeça de Sartre fazê-lo, uma vez que é ateu e nega a espiritualidade da alma.

Escreve Nédencelle:

"o amor humano é incarnado; não se realiza

num Eden vaporoso, senão que num mundo material e sangrento. (...) A nossa existência bio-social é um obstáculo que pode arrastar o amor pessoal no seu turbilhão, e não o abafar; mas o obstáculo transferir-se, se assim o quisermos, em apoio e meio de realização."

O amor é, na verdade, "um nobre fite das consciências"; é fazendo o amor que nos fazemos. "Um olhar ou uma prova de certeza são já uma espécie de tarefa através da qual se realiza a atitude íntima."

O amor não pode realizar-se sem a interferência de elemento sexual. A vida sexual, não se pode negar, intervém na modelação de amor das pessoas; e sexo entra no amor humano "como uma mediação e uma obra através da qual esse amor deve realizar-se." Contudo, isto é fácil de perceber:

"A sexualidade é um colaborador particularmente perigoso e exigente. Então o amor terá, sobretudo, dois pólos: um pólo cordial e um pólo carnal. É deverás realizar a difícil tarefa de dominar o primeiro, graças ao segundo; e de espiritualizar o segundo, incarnando o primeiro. Incessantemente exposto a afundar-se nessa travessia do instinto, o amor perderá, em contrapartida, encontrar nele um extraordinário estímulo que nenhuma outra encarnação (nas obras da amizade e da beneficência, por exemplo) lhe proporcionaria."

Puras e finas observações como estas pululam e deslizam pelo livro de Pe. Nédencelle. Faz ele com invejável perícia, com

magnífica segurança, considerações de subido valor para uma real compreensão de amor pessoal. Entre suas notas eruditas e culturais apresenta esta:

"Soloviev observa que a divisão dos sexos não é universal na natureza; ela é acompanhada por um amor que tem por finalidade, pelo menos no homem, "a justificação e a liberdade da individualidade pelo sacrifício do egoísmo." A idéia é profunda, mas o fim da associação conjugal é sobretudo continuar a espécie, não podendo os outros fins do casamento ser radicalmente desligados deste."

A intenção de amante vem para a amada, "como uma seta, e atinge-a em pleno coração." Mas, observe-se: "Uma intenção poderá nunca atingir a plenitude do seu efeito, como no caso de amor infeliz e ineficaz: a causa não consegue sair de si própria." Em outra situação, "uma mesma causa poderá arriscar-se a produzir efeitos múltiplos, imprevistos, divergentes; assim acontece em todos os quiproquês de amor: um gesto compassivo pode ser mal interpretado; um ato generoso pode produzir, de fato, a infelicidade do amado..."

Há perigos frequentes na "técnica de sedução", ou dialética feita de cortesia e de galanteio. "Não será o amor, a cada momento, prejudicado pela tirania e pela servidão? Parece que ele faz nascer, quase fatalmente, situações contrárias à sua essência, e das quais deve quebrar as cadeias numa incessante reforma."

"O amante é um admirador; em breve acabará por enganar outrem, aumentando as qualidades amáveis do amado; a adulação é o mais sedutor dos erros, e o mais frequente acesso à patologia sentimental. Depois, a este aspecto principal da cortesia vem ligar-se um aspecto ~~de~~

secundário: o amante procura enganar-se a si próprio acerca das qualidades e das intenções do amado; é a ilusão amorosa, e mais enternecedor dos erros."

Fácil será discernir, por outro lado, que pode existir entre os amantes uma espécie de "chantagem mútua". Manobram de tal forma que entre eles desaparece a menor sombra de comunhão espiritual, a qual é então substituída por uma "troca e entrega recíproca de uma imagem alterada de si mesmos. É um jogo de hipocrisias, em que se adulteram as subjetividades dos amantes; convertem-se em sêres ao mesmo tempo enganados e enganadores. Em suma, "é a embriaguez ignominiosa pela qual aceitamos manter uma mentira comum." Essa mentira inconfessada é torpe e manhosa, e pedemos imaginando-a seguidamente perfurando a amor, tal "biche que entra no fruto."

A perversão de amor é fruto de materialismo; isto tanto pode ser deduzido por um observador ingênuo como por um "espectador ávido de psicologia".

"A perversão é tanto mais cômoda quanto mais se confunde, na sua origem, com uma disposição normal."

A sinceridade amorosa, à sombra da qual muitos crêm ~~ganhar~~ ⁹³⁻ casar-se, bem pode encerrar uma falsidade insidiosa. A falsidade de amor aparece nas "técnicas de sofrimento", impostas ao amado com fins egoístas; neste caso, "o amante será o carrasco do amado, a menos que não se volte sobre si próprio as violências e não espere de tais sevícias, físicas ou mentais, uma veldia mais saberosa." Aqui o vício irrompe como adubo, humus que mantém o amor; é o visco-se amor, o amor feito de crispções, de ansiedade crispada e cuja existência é prolongada, cuja vida é sustentada ou alimentada pelas odiosas e selvagens práticas sadistas e masequistas, como pretende Sartre em as teses falsas de seu poderoso mas falso espírito.

Os amores sádicos e masequistas existem, é bem certo, mas não como regra geral, como mecanismos universais de amor humano: são

plantas exóticas, fantásticas, flores monstruosas, degenerações selvagens de legítimo amor humano. Numa palavra, são capitules da psicopatologia erótica.

"Muitas vizes ligados à busca de prazer sexual, esses comportamentos têm na entãte uma presença mais ampla na psicologia de amor em geral. Não será, por exemplo, perturbador que para fortificar uma inclinação e para lhe dar consistência, nada melhor do que o aguilhão duma cruel inquietude? A paixão compraz-se em viver, ou em fazer viver, em transe; isto é, em despertar em outros, ou em manter em si próprio, os tormentos da dúvida. A ansiedade cristaliza a inclinação."

Portanto, sadismo e masoquismo moderados, eis o que inevitavelmente no seio caleroso de todo amor. O que se condena é o pavor e a terrível baixeza e humilhação do sadismo e do masoquismo sem mescla, reduzidos ao seu estado, por assim dizer, quimicamente puro.

Este assunto é forte e atraente, seduz as naturezas finas, cativas as imaginações honestas, o que nos leva a fazer a promessa de a êle voltarmos, próximamente. Já agora nada mais podemos dizer ou escrever, por absoluta falta de espaço.

UBIRAJARA ROCHA

UBIRAJARA ROCHA

Maurice Nédoncelle, filósofo contemporâneo de grande nomeada e do mais alto merecimento intelectual, extraordinário pensador cristão e de pensamento limpidamente católico, esmera-se, em seu livro "Para uma filosofia do amor e da pessoa", em traçar finas, agudas e penetrantes análises a respeito dos sentimentos mais profundos que fazem vibrar as criaturas humanas, enriquecendo-as interiormente ou plenificando-as: o amor natural e sobrenatural, ou, mais exatamente, como se costuma dizer, na perspectiva helênica (eros) e na perspectiva cristã (ágape).

Talvez não incorra em erro, nem seja passível de censura, o crítico que porventura vislumbrar em Nédoncelle mais um pneumatólogo do que um psicólogo. Porque, com efeito, as análises que êle faz do amor e de sua filosofia são antes espirituais do que psicológicas. Como se sabe, psiqué é alma, pneuma é espírito, segundo a etimologia dessas palavras derivadas do grego. E o espírito sobretudo o admirável instrumento de trabalho d'êste pensador a que estamos nos referindo; é através do espírito, que é profundo, e não através da psicologia, que é superficial, que êle focaliza no seran fluorescente da análise os temas que o amor inspira e pede adequados desenvolvimentos. Em resumo, o claro criticismo filosófico bem poderá admitir, sem excessivo esforço, mesmo sem qualquer dislate, que Nédoncelle é antes de mais nada um pneumatólogo, que o que dá realce às suas idéias é a pneumatologia e não a psicologia; e, muito provavelmente, foi adotando êste critério que muitos críticos de filosofia têm afirmado que Nédoncelle é o vulto mais expressivo ou mais representativo dessa corrente de idéias cujo nome é espiritualismo existencial, atualmente posto em voga ou pelo menos convendo de modo considerável as letras filosóficas do mundo ocidental.

Ao discorrer, congruentemente, sobre o amor, ao dissertar,

convincentemente, a respeito das relações amorosas que interligam as criaturas humanas, tecendo-lhes a história e o destino, escreve Maurice Nédoncelle, com sua peculiar clareza e vigor, com sua energia de frase e simplicidade de pensamento:

"Por outro lado, o não do amor é inativo: não porque crie o mim e o ti, mas apenas porque exprime o seu estado de reciprocidade." Reciprocidade sem a qual o amor se des-carna, se despoja de sua essência; amor sem reciprocidade não pode existir, é um fantasma psíquico, e é "a vontade de promoção mútua" que realiza e plenifica o amor.

O Pe. Nédoncelle, como é conhecido nos meios filosóficos mais esclarecidos e adiantados do mundo, jamais se apresenta com um pensamento ambíguo, coberto de obscuridade, como aconteceu com os hegelianos e os demais cultores da filosofia ou da metafísica, descendentes da linha germânica. Nédoncelle jamais é obscuro, nebuloso, sutil até à invisibilidade; muito pelo contrário, é um legítimo pensador francês, um pensador rico em enunciados claros e significativos, suas afirmações obedecem à linha tradicional e repleta de harmoniosa clareza francesa. Ele escreve sempre com a mesma clareza e profundidade que foram a nota característica de Pascal, Descartes, Maine de Biran, Mallebranche, Bergson... Em tal sentido, emparelhase, atualmente, às expressivas figuras de Jacques Maritain, Gabriel Marcel... E é ainda com esse traço de pensamento significativo e penetrante que escreve:

"A consciência amical não é qualquer coisa que se acrescente numericamente aos dois amigos, como se fosse um terceiro indivíduo ou mesmo uma terceira força separada dos seus dois quereres. Não os fixa no seu sentimento através de um choque devolvido, mas somente os acompanha; é a natureza

espiritual das suas pessoas."

Isto, que aqui fica clara e vividamente expresso, é complementado por Nédoncelle, em nota ao pé da página:

"Guardadas as devidas proporções, o não surge-nos aqui à semelhança daquilo a que os teólogos (católicos) chamam a natureza de Deus na Trindade."

Tudo isto, sem dívida, brilha num ^{exato} corpo de doutrina, numa axiomatica espiritual muito clara, ^{ideia,} incisiva, mas existem os que duvidam, os que se põem a questionar o que acaba de ser dito; Parece, mesmo, irreflexivo e antinatural pensar como pensa, neste particular, o Pe. Nédoncelle; é ele próprio, com suas próprias palavras, quem explica essas indecisões e perplexidades que ^{essaltam} ~~marizam~~ a maioria das pessoas e das gentes que pouco ou nada refletem, filosoficamente, que, "espiritualmente falando, não nada", como diz, com amargura, Kierkegaard:

"Sentimo-nos tentados a acreditar no contrário porque assimilamos levemente a comunidade dos espíritos à comunidade que resulta dum contrato jurídico destinado a sancionar os compromissos sociais. É verdade que o contrato resulta das partes contratantes, obrigando-as em seguida perante a lei, quaisquer que sejam as variações previstas nas suas disposições íntimas. Mas se a troca amorosa constitui uma situação nova, não a cria como se fosse um contrato. A troca está no próprio tecido das consciências ~~des-~~cordantes; e, se elas se separam, a troca desfaz-se com a separação, abandonando as consciências como o reflexo das águas do mar desaparece quando o Sol se põe."

Desta guisa, insensato será não reconhecermos, de pronto e abertamente, que o egoísmo individual, por mais arraigado que seja, por mais ardente e agudo que se apresente no seio da natureza instintiva ou espiritual das pessoas, é a própria mola que movimentada e impulsiona a troca amorosa, a permuta de desinteresse entre os que se amam. O egoísmo espiritualiza-se, dizer-se pode, neste caso, e se desfaz ou se desmancha, no seio da consciência amical, como o sal se dissolve na água, como um leão se dissolve no deserto. O amor-de-si, que é a base primária do amor, desaparece, eclipsa-se, por fim, no seio da reciprocidade amorosa, feita, toda quanta, de benevolência, generosidade, bondade, ternura, complacência, espírito de renúncia, sacrifício, perdão, em suma, "vontade de promoção mútua", através da qual ou com a qual o amante esquece ou perdoa as faltas, as infidelidades do amado, compreende e perdoa as fraquezas, as tibiezas e as odiosidades de palavras e de conduta, reconstituindo, seguidamente ou sem cessar, a imagem mental do amado, do amigo que é a pessoa mais cara do mundo.

O amor e a amizade são sentimentos ativos e compreensivos e justamente permanecem em virtude dessa constante reconstrução do outro em nós. O amante ou o amigo não cessam de reconstruir mentalmente a imagem do outro em sua interioridade, porque, do contrário, o amor e a amizade certamente se extinguiriam, tomariam ao chão, de asas partidas. O sentido de tolerância mútua dos amigos e amorosos preserva o amor e a amizade, evita o que o sábio e brilhante psiquiatra Étienne De Greeff denomina de "destruição do outro em nós", através de um processo interior que representa a inibição, por intolerância e cansaço, das possibilidades de reconstrução da imagem mental ou interior que se faz da pessoa amiga ou amada. Sem essa reconstrução, evidentemente, o que perdura em nós é uma imagem negativa do outro, que então se torna digna de repulsa, ódio, desconfiança, malquerença, ou desprezo. Resumindo, o amigo ~~amigo~~ ^{só é} porque reconstrói constantemente a imagem do outro, criando dele uma imagem positiva, digna de apreço, respeito à sua dignidade, consideração pela sua qualidade, credora de infatigável admiração, merecedora de infinita benevolência.

Será este, sem dúvida alguma, o amigo do qual cada um de nós poderá dizer, com sinceridade absoluta, parafraseando um trecho especialmente expressivo e tocante das Sagradas Escrituras: "Este é o meu amigo muito amado, em quem me comprozo" --- em quem deposito todas as minhas complacências.

Esta continua complacência resulta de uma contínua reconstrução da imagem mental ou interior do amigo. Sem tal trabalho de constante reconstrução psicológica do amigo a consciência amical desapareceria, tomando vulto em seu lugar uma imagem negativa, cheia de humana fraqueza, falha de beleza moral ou espiritual, indigna de amor, incapaz de justificar qualquer sacrifício ou espontâneo movimento de renúncia. A imagem positiva do amigo, incessantemente mantida dentro de nós, possui o condão de furtar-nos ou subtrair-nos a odiosa e deprimente visão das imperfeições humanas, não nos permitindo que criemos a convicção de que, verdadeiramente, "não vale a pena amarmos seres tão imperfeitos, como são, naturalmente e realmente, todas as criaturas humanas. E a convicção, ainda, ou a plena consciência de que, digno de amor, somente Deus o é. Amado ou adorado, somente Deus é digno; mais ninguém.

UBIRAJARA ROCHA

UBIRAJARA ROCHA

Formamos o propósito de aqui discorrermos ou dissertarmos acerca da eterna e palpitante problemática do amor humano, tratando-nos o dever de informar, desde já ou logo de saída, aos nossos leitores, que, em nosso breve ensaio ou fragmento, cingir-nos-emos, do princípio ao fim, a uma simples transposição, ligeiramente comentada por nós, das idéias centrais que dominam as teses do filósofo francês Maurice Nédoncelle, que é um dos mais hábeis e vivazes pensadores cristãos do mundo cultural contemporâneo.

Diremos, ainda, para os que porventura não sabem, que o Pe. Nédoncelle é um dialeto incomparável, raro, um mestre do pensamento filosófico ocidental, um expoente magnífico do chamado espiritualismo existencial e cujo pensamento consoa, afina com a mais pura e limpa doutrina do cristianismo, conforme pode ser visto, com clareza, através de uma leitura mesmo superficial de seu excelente e admirável livro "Para uma filosofia do amor e da pessoa". Em tal obra, que certamente continua sendo proveitosamente consultada por todos os filósofos ou metafísicos do amor humano, as idéias nobres e profundas enxameiam, idéias belas de se analisar e estudar, inspirando uma confiança quase ilimitada para com o pensamento e a inteligência do esplêndido filósofo que as formulou e as lançou sobre a relativa transitoriedade ou precariedade do papel impresso.

Isto assim dito cabe-nos o dever de irmos, diretamente, ao cerne de nosso assunto. Superados os preâmbulos necessários e tidos como mais que indispensáveis, anotaremos, com o Pe. Nédoncelle, que o mistério de eros ou do amor é essencialmente inexplicável, mas pode ser abordado através de algumas explicações interessantes. Escreve, penetrantemente, o nosso filósofo:

"O grande mistério reside na doença de eros (amor egoísta) e de ágape (amor altruís-

altruísta) que os leva a pararem nas suas formas elementares, e aí repousarem preguiçosamente. Carecemos de ambição para nós e para os outros. Mas a esta falha, que tem em comum com a ágape, eros acrescenta uma outra que lhe é própria."

A anunciada explicação desta apontada falha vem imediatamente a seguir, transposta em linguagem impecavelmente filosófica, esclarecida por imagens e reflexões inatavelmente corretas:

"O amor-de-siccorrompe-se mais depressa e mais profundamente do que o devotamento. Com efeito, quando há dom há, ao mesmo tempo e fatalmente, desejo-de-si: amamo-nos de forma a podermos ajudar o ti que escolhemos. Em contrapartida, quando há amor-de-si, não há fatalmente presença do dom; posso amar-me de tal maneira que me desembarace de qualquer devotamento por outrem. Neste sentido, o dom, mesmo mediocre, comporta uma certa atenção aos interesses do mim, englobando-os e respeitando-os; mas o amor-de-mim, se é mediocre, pode fechar-se num gozo estritamente privado, e excluir qualquer orientação para outrem. Ele é guloso e demasiadamente apressado. Portanto, o feito do mal paralisa mais o eros do que o ágape."

Mas não só isto há para se perceber na estudo aprofundado do fenômeno amoroso. Temos de reconhecer — realça o Pe. Nédoncelle, com friso especial — que "o mal beneficia das dificuldades de crescimento que entram a ágape." E junta, com toda a seriedade de suas pesquisas:

"Se renuncio a amar-me nobremente, é decerto por motivos de inércia íntima. Se, pelo contrário, me desencorajo de ser generoso para outrem, não é tão-sómente por uma falta de impulso de origem interior, senão que, na maior parte das vezes, porque chocho com a ingratidão de outrem ou com a sua recusa dos valores que queria propor-lhe. A tendência a dar-se encontra, ao mesmo tempo, obstáculos em nós e fora de nós; o amor-de-mim só se encontra no mim; e é unicamente de mim que, em suma, depende o seu valor e o seu sucesso. Num e noutro caso, há uma derrota da alma; mas a moral, tocando unicamente aquilo que depende de nós, insistirá no dever de lutar contra o egoísmo, professando uma desconfiança a priori pela busca de si. A renúncia e o devotamento serão, aos olhos dos moralistas, os únicos meios de acesso à virtude."

Sábias, admiráveis, profundas palavras! Palavras e conceitos, no entanto, que se complementam, admiravelmente bem, com es-toutas concepções lbeidamente nédoncellianas:

"Qualquer que seja o resultado destas discussões sutis e irritantes, — quais serão os sintomas mais frequentes da doença que atinge o amor?"

Pergunta perturbadora, que envolve muito estudo e muita reflexão; interrogação que implica análise vasta, delicada, complexa, quase sempre incompleta, imperfeita, insatisfatória. A enfermidade, o verme doentio, molesto, princípio maléfico que corrói o amor como um bicho devora e faz apodrecer um fruto — enfim, a patologia do

amor — vá lá alguém conhecê-la a fundo. Todavia, esta imensa dificuldade não parece atemorizar em nada o intellecto profundo do Pe. Nédoncelle, que assim disserta:

"O primeiro (sintoma doentio do amor) é o cídm odioso: o mim restringe lateralmente o campo da sua generosidade; dirige-se para o ti, com exclusão dos outros ou contra eles. O segundo é um atraso na subida da alma aos valores, ou uma queda nos contra-valores da sensualidade; é uma clausura em altura, uma espécie de insensibilidade monstruosa à perfeição espiritual. Cídm e baixaza resumem, talvez, a maior parte dos dramas do amor: dum lado está uma tensão belicosa e uma aspereza; do outro lado está a "vertiginosa doçura" daquelas paragens ou daquelas descidas que perturbavam Baudelaire!"

Poderemos pensar na consecução da cura dos males ou doenças que ferem mortalmente o amor? Haverá remédio para o cídm, para a sensualidade, distúrbios mórbidos do amor humano? A estas importantes interpelações Nédoncelle dá as respostas que se vão ler:

"Para conseguir a cura, será necessário abandonarmo-nos aos moralistas. E a reforma que eles propõem será, em primeiro lugar, não amar um ser contra um outro ser. Para uma alma ávida e exclusiva, será já uma meia conversão poder libertar-se dos rivais. Muitos amantes têm necessidade de eliminar os terceiros e de os fazer sofrer para saborearem a felicidade da sua mútua união; a sua intimidade ressurgue dessas

batalhas. Esse sadismo sorridente, que martiriza o mundo para obter um duo mais suave, tem sido pouco estudado; é, no entanto, mais misterioso e mais frequente do que o outro!"

Sim, o "sadismo sorridente", de que aqui se fala, misteriosa o duo, a diade ou par humano implicado nas brandas lutas, nas doces violências do amor. A situação, segundo Nédoncelle, evoca, irresistivelmente, uma anotação de C. Lamb, o qual assinala, com humorismo leve, no Pranto de um solteirão sobre a conduta dos casados:

"Queixo-me de que não possais estar um momento na sua companhia sem que vos façam sentir, de maneira indireta ou confessada, que não sois vós o objeto das suas preferências."

A situação, assim descrita, justifica o humor com que é encarada; humor, no entanto, benigno, compreensivo, sem notas sardônicas e amargas. De tal posição a dialética humanista de Nédoncelle logrou extrair outras deduções importantes, como estas:

"...para amar verdadeiramente uma pessoa, é preciso querer torná-la infinitamente amável; porque nesse voto radical se desenha a exigência de todos os valores. O meu par só será infinitamente amável se amar infinitamente o universo das pessoas, e se se tornar digne de ser amado por elas. Só então quero erguê-lo a uma altura que anule completamente os meus ciúmes e lhe abra completamente as portas do mundo."

E, por fim, nos derradeiros toques desta densa e importante linha de considerações:

"A vontade de promover o amado é onerosa.

"A vontade de promover o amado é onerosa: não tolera a mesquinhez ou a preguiça; conduz-nos muito mais longe e muito mais alto do que inicialmente supúnhamos. Ela contém, na verdade, a exigência duma realização infinita do mim e do ti; e, na identidade pessoal que ela se compromete a conferir aos amantes reside a identidade e a realização de todas as consciências que está logicamente comprometida a promover sucessivamente, até à abertura de todos em Deus, e de Deus em todos."

UBIRAJARA ROCHA

UBIRAJARA ROCHA

São muitos, deveras, os pobres mas inteligentes mortais que, malgrado estarem atolados até o pescoço na miséria, na sujeira e na dor deste mundo, buscam, tentativamente, com comovedor esforço, encontrar uma clareira de paz e harmonia, uma pequena região ou ilha de tranquilidade efêmera de onde possam divisar, ainda que vagamente e em vislumbres passageiros, a esquiwa e fugitiva silhueta do amor, o perfil encantador e adorável da ilusão amorosa --- ilusão tão bela e profunda, loucura tão formosa e divina que inspirou Mallarmé a dar-lhe a qualificação de "hora sublime", de hora mais linda que pode marcar o relógio da vida.

Consoante a afirmativa de algumas vermes inteligentes, de algumas larvas inspiradas, que se comprazem na composição de escritos poéticos e filosóficos, a beleza da vida está no amor. No amor --- dizem eles --- estão as mais belas e fascinadoras aventuras da personalidade. A paixão amorosa é sublime e divinamente louca; sem as brandas violências do amor, sem as inquietudes e tormentos do coração, sem as torturas misteriosas do coração ennamorado a vida perde o sentido, perde o significado e não vale a pena ser vivida. Em resumo, é o amor, somente o amor que faz a história de cada homem; daí o ter dito Mauriac que "o homem puro não tem história." O

Dizer que o homem puro é um ser apagado ou morto é o mesmo que dizer que, sem amor, a vida é a paisagem --- é a vida transformada em deserto, em areal estéril, em planície desolada e gélida. Em suma, é o mar morto.

Árida imensa é a da alma que vive sem amor, afundada nas irremediáveis areias da mediocridade. Da mediocridade pálida, longa e triste. É o que costumam dizer os poéticos examinadores da alma humana, em seus melhores momentos. Mas há, no amor, realidades fortes, pesadas e turvos sentimentos que antes destroem do que ~~manutêm~~

constróem; existem, na verdade, amores ou emoções de amor que, a princípio doces e puros, se convertem em paixões negras e destruidoras, em paixões que nos roem até os ossos, paixões, enfim, que são mananciais de males e flagelos forjados pelo demônio, urdidos por Satã.

O filósofo francês Maurice Nédoncelle, que se tornou notável pelos seus estudos de espiritualismo existencial, condensou em livro rico de reflexões as mais nobres e elevadas concepções sobre o amor, de real importância para a elaboração de uma "filosofia do amor e da pessoa". Não pretendeu o filósofo, com ~~uma~~ ^{sua} excelente obra, propriamente falando, apresentar a anatomia ~~em~~ ^{sua} fisiologia do amor humano mas sim pôr em evidência a espiritualidade dos sentimentos de amor e reciprocidade, de mutualidade afetiva que podem formar o par ou a diade humana, que passará a viver, desde então, solidificado por laços íntimos e espontâneos de compreensão e ternura. O Pe.

O Pe. Nédoncelle escreve, verdadeiramente, no mais alto rigor do termo, como um autêntico sacerdote da filosofia e da cultura. Possui ele uma vida intelectual muito profunda; tem, ao que parece, sempre diante de si, a coruja de olhos arregalados, a ave de Minerva, que, segundo Hegel, é "pronunciadora da inteligência e só levanta o véu ao cair da noite". Filósofa como Sócrates mas não se apaixona pela razão límpida e luminosa, não é um "ídolo da razão"; é espiritualista e é sobretudo cristão. Seu espírito é livre em suas pesquisas, não se aprisiona em si mesmo, como faz o filósofo sistemático, em seus rígidos dogmatismos. Possui uma fecundidade que o tornará sempre atual.

Escrevendo sobre a natureza do amor escreve o nosso filósofo, com ânimo tranquilo e objetivo: "o amor é uma vontade de promoção". E ainda: "Não há amor propriamente dito se não formas dois". Bate-se contra a tese de Max Scheler, filósofo alemão, consoante o qual "o amor é um movimento intencional, graças ao qual surge um valor superior ~~que~~ ser concreto." Vai ~~além~~ para provar esse ponto:

"O amor nunca é motivado pelo conheci-

conhecimento dum valor que esse ser tivesse realizado já, na sua existência empírica. E esta a razão por que podemos ligarmos a um criminoso, da mesma maneira que nos ligamos a um santo: nos dois casos, o amante eleva-se a uma excelência que é inerente ao ser ao qual está preso; e esta excelência subsiste no seu domínio de valor, qualquer que seja a atitude de fato seguida até esse momento pelo amado."

Segundo Nédoncelle, qual é o objeto do amor?

Não são poucos os que afirmam que não amamos senão a nós mesmos; em tal caso, mais não seria o amor que uma espécie de egolatria exaltada. Assim seria porque o objeto do amor somos nós próprios, uma vez admitida a verdade que nada é mais querido do que nossa própria personalidade e que também já se amamos a nós mesmos.

Nunca amamos no próximo, no "outro" senão a imagem de nós mesmos. ^{involuntário}
Disse o nosso ~~amante~~ Gilberto Amado, em "A Chave de Salomão":

"É certo que nós ~~não~~ não precisamos nunca de nós mesmos; só os representamos a nós mesmos e que todos os nossos atos, literários ou não, são trajetórias que fazemos em torno da nossa própria sensibilidade. Anatole France deixou isto explicado, com a sua maravilhosa clareza, num dos prefácios da "Vie Littéraire". Mas antes dele exprimir, era sabido que não há objetivo senão o nosso próprio espírito."

Na espiritual concepção nédoncelliana o objeto do amor pode ser triplo. Vale dizer: A) "posso prender-me ao ser vital de outrem, e o valor supremo que nesse caso enxergo nele é a nobreza desse ser." Amando assim depuro, sublime a sexualidade. B) "posso colar

colocar-me num nível mais elevado, e amar a realidade psíquica de outrem: esta nova orientação conduzir-me-á aos valores de cultura e de verdade." C) "finalmente, e no grau mais alto, é o aspecto espiritual que me prende; e o valor que, neste caso, apercebo, é a própria pessoa de outrem."

Qual é o amor moral? Responde Nédoncelle:

"Só o amor pessoal é moral; não o bem não é, de resto, exterior ao ti: é o próprio ti!"

Ainda mais: não podemos, no amor, separar ou disjuntir o sentimento do devotamento:

"Se separarmos radicalmente o sentimento e o devotamento, o amor fica destruído. O impulso primordial de mim não é unicamente um movimento para o outro, para o valor infinito desse outro, fato que Scheller admiravelmente estabeleceu: é também uma energia realizadora que quer contribuir para a existência e para a plena realização do outro. (...) O amor não é um preguiçoso repouso na beleza duma imagem, senão que uma intervenção patética, uma vigorosa participação orientada para a realização do ti. Mesmo na contemplação deve existir um voto ativo."

No amor, a "vontade de promoção" pode ser confundida com a "vontade de criação"?

Talvez --- responde, dubitativamente, o Pe. Nédoncelle. O amor dos cristãos, por exemplo, é um amor criador, bem diferente do "amor conservador dos gregos". "Em princípio --- adianta, esclarecedoramente, o nosso filósofo --- em princípio, o amante aspira a engendrar integralmente o ser do amado. No entanto, uma consciência humana não pode, na verdade, ter uma tal pretensão. Nós tentamos dar

força à existência do ti, ou contribuir para a sua realização. Mas somos sempre limitados."

Quase sempre ou na maioria das vezes, será vão todo o esforço que fizermos para modelar o ser que amamos: não podemos criar, senão em imaginação, e ser que idealmente amamos.

"Muitas vezes, o nosso império não ultrapassa o plano da imaginação: é o que acontece com o romancista que faz viver as suas personagens no papel; balbucia, por vezes, uma essência nova, mas os seus fantasmas evoluem numa existência nebulosa, impotentes para se animarem completamente. Damos o pão a uma criança e ajudamos o seu desenvolvimento físico; ajudamos um amigo, orientamos uma consciência e modificamos as suas qualidades. Mas o homem não cria o homem."

O fato irredutível permanece: o homem não cria o homem.

O amante --- por mais que queira --- não cria o amado. Mas a procriação poderá ser uma objecção a esse argumento? Não, conclui o filósofo que estamos seguindo; não, o ato através do qual o homem procria o homem não é verdadeiramente uma objecção à tese que sustenta a incapacidade do homem em criar o homem. Vejamos antes do mais:

"a procriação não é uma relação de causalidade espiritual" (tese de Scheler, que Nédoncelle aceita, aprova). "Não há continuidade direta entre os pais e a alma do filho. O ingenium do filho cai do céu sobre a terra; na medida em que o filho é ele próprio, não é hereditário; não existe qualquer proporção com o ingenium parental. E o seu aparecimento é, no fundo, independente da intenção parental.

"O ato sexual é subjetivamente a expressão da ternura conjugal e não

comporta em si próprio, neste aspecto, nada mais do que isso.

"O fato de que a concepção pode produzir-se fora de todo o pensamento dirigido para a descendência bastará para invalidar a pretensa potência criadora dos procriadores. O amor conjugal, pode, sem dúvida, envolver o desejo do filho e projetar essa intenção no ato sexual que dela é inicialmente desprovido. O moralista não deixará de dispensar, a este respeito, os seus bons conselhos. Mas, de qualquer maneira, a vinda da criança é sempre um dom e uma surpresa.

"O que é hereditário não é querido pelos pais; e, por outro lado, somente se transmitem de pais a filhos as semelhanças ou repetições de qualidades. Ora, uma criança é algo diferente de um montão de qualidades: é um germe de personalidade nova que terá de fazer a sua escolha no conjunto dos caracteres que herda, integrando-os, pouco a pouco, segundo um esquema imprevisível.

"Do ponto de vista da causalidade espiritual, que supõe uma vontade consciente de promoção, a influência só pode começar depois da criança ter nascido.

"Nunca criamos uma outra consciência, senão que a encontramos. Entre ela e nós o espaço inicial é intransponível. Na geometria das almas, as linhas são inicialmente paralelas; só depois os destinos se tocam e se cruzam."

UBIRAJARA ROCHA

intrínseca.

ACERCA da substância ou natureza, do amor têm-se escrito num
uma torrente de livros, livros em tal quantidade que dariam para
formar bibliotecas inteiras se, por ventura, fôsem um dia reunidos
ou acumulados num só sítio, particularizado ou isolado.

Tem-se dito que o amor é sentimento que varia conforme as
épocas e as culturas mas, no fundo, em sua essencialidade profunda,
é o mesmo em toda a parte e desde sempre, desde que na terra dos mor-
tais vibra e pulsa o coração humano.

Poetas, escritores, filósofos, romancistas, dramaturgos
têm discorrido infundivelmente sobre o amor, encarando-o em super-
fície ou em profundidade, sob o aspecto materialista ou espiritua-
lista. Citaremos aqui, apenas, os autores de nossa preferência, dei-
xando de lado a imensa cópia ou congêrie de espíritos vastos e pre-
fundos que já versaram, inestimavelmente, o mesmo tema.

Jacques Maritain, seivoso e penetrante filósofo que tanto
admiramos, escreveu:

"Mas o amor é uma força selvagem; e quan-
do atinge no ser amado a regiões cujas por-
tas lhe são fechadas, transforma-se em
horror e em ódio assassino."

Hoje pergunta-se: por andar o verdadeiro amor?

O amor, responde-nos o excelso filósofo cristão:

"O amor é o próprio espírito, não se sabe
desde vem nem para onde vai."

O amor é pois psicoma, espírito. Mas com isto está concorde
a moderna ou nova geração contemporânea?

É de crer que não. Hoje o amor não parece mais um senti-
mento onde pomos ou onde encontramos o nosso próprio coração. É mui-
ta vez um ^{temper} fatal, um ardor seco, colérico, excessivamente grio

e egoista, lubricidade exasperada e lúida — antes procurando a
quantidade do que a qualidade, como diz Albert Camus, um dos maiores
tradutores existencialistas da angústia contemporânea, da angústia
que dilacera a terra dos homens.

No passado foi o amor uma espécie de monstro sublime. Uma
modalidade de formosa e encantadora loucura. Veneno querido e aben-
çoado que suavizava um coração seco, árido. Sentimento que difundia
decência, paz amena. Que dissipava o pesado orgulho da criatura. Que
unia um homem e uma mulher num comum arrebuo. Que formava a base de
"sacramento de amor harmônico". Que tornava qualquer mulher linda.
doce, submissa, abnegada, como a Graziela de Lamartine.

Bendizia-se, outrora, a pureza, como sendo o grande se-
greto do amor. No amor havia um sombrio porém belo mistério: amar
era, verdadeiramente, gozar uma hora divina. Amando o ser se conver-
tia no mais doce dos escravos. O ser se tornava positivo, grave e
forte; o amor inspirava fortes e corajosos pensamentos, independên-
cias hercúlicas. O amor não era um feitiço cruel mas um elfo, tra-
vesso talvez, mas benigno, compassivo, simpático.

Antigamente o amor infundia tentação viva de amar o bem,
inspirava firmeza varonil bem como dignidade e nobreza. A alma fazia-
se alada, expulsando do coração a malignidade, a idéia do mal posi-
tivo. O amor era um sentimento vigoroso, comedido, penetrante, que
iluminava a alma passageira, de miséria e de ilusão, que é a alma de
homem.

O amor era puro, raramente se fundava no ódio, que é inial-
go nato da luz, da alegria. Era todo ele feito de iniciativa casada,
de fidelidade heróica. Procurava, instantaneamente, eternisar o belo
na dimensão trágica da existência. Era a mais linda aventura da per-
sonalidade, a mais formosa experiência da vida. Era — como disse
Michelet, a outro prepositivo — "beleza florindo em bondade infinita".

Não era o amor uma paixão lúgubre, taciturna, que aniqui-
lasse o espírito; para o amoroso o céu nunca se tornava pesado nem
a terra odiosa. Era avidez sonhadora e não avidez mesquinha; fazia

da vida um caminho jumpado de resas sempre novas e não um deserto ígubre, uma planície árida ou um trecho de mar morto...

O amor era lá capaz de ser cruel! Nunca, ou mui difficilmente, porque os amantes eram compassivos, tão líricos e românticos. Ferir ou punir o ser amado era ferir-se ou punir-se a si mesmo.

O amor era uma chama cândidamente virginal (talvez ásperamente virginal) e que sustentava o coração. Era o doce alimento da alma, o doce sustento do coração. Todos partiam em busca de sua paz, de sua elevada serenidade. Nada havia nele que evocasse algo de arrogante, ^{embora} ~~uma~~ palrasse acima da vida e da morte. Porque era perseverante e mais forte do que a morte.

^{a embriaguez de}
Nunca o amor aviltava ou rebaixava quem a sentisse. Dele não restavam consciências de culpa, sensações ou sentimentos de culpabilidade, como acontece sempre com quem se compraz no gozo ou na fruição de delicias impuras, de prazeres proibidos pelo céu. O amante, assim, não sofria o peso do ou a maldição da culpa sensualidade, da luxúria perversa e diabólica.

O amor era precioso e comêdo, belo em seus esplendores inflamados, flutuando no eter fino e azul da poesia. Flutuava em divino encanto, nos quentes raios de ouro da poesia. Era o amor espiritual, e amor senhado nas cavernas platônicas.

Nada disto, ao que parece, existe hoje, em nossos turvos e sombrios tempos.

O amor decaiu, está caindo no nada espiritual. Converte-se em assunto fétido, em simples questão de sexualidade. Está passando a inspirar "náusea", pela sua feidra e viscosidade. É tema chocante para as mentalidades delicadas, mormente quando Sartre o define, lâcidamente, como manifestações de sadismo e masoquismo, como expressão de nossa incurável "má consciência." Comentando este tópico importante da metafísica de Sartre, escreveu Charles Moeller:

"No sadismo, encontra-se deleite em reduzir o outro a uma "coisa, um objeto", que se manipula, que se tortura à vontade; no masoquismo, pelo contrário, um dos parceiros

encontra e seu prazer em ser tratado como um objeto pelo outro."

Como deparar-se, no seio de tal miséria, qualquer sinal da verdadeira e admirável perseverança e beleza do verdadeiro amor?

Impossível, de certo, será. Nessas miseráveis condições psicofisiológicas nenhum amor logrará deixar seu sulco eterno, divino. Não poderá haver aí piedade encantadora, nem bondade amorosa, nem mesmo bondade sensual. O que, verdadeiramente, aí poderá desabrochar será a flor menstruosa de um desespero profundo.

No verdadeiro amor a bondade vence a dor; no amor cujo culto hoje clinicamente se celebra tal não acontece, não pode acontecer, porque é apenas fundado em epicurismo mórbido, em hedonismo implacável e glúido, em áspero ou crespo desejo de apenas gozar o momento que passa.

Homens e mulheres de hoje amam quantitativamente, os amores sucedendo-se uns aos outros, sem cessar; os amantes pousam nos prazeres que se renovam, voando de um para outro como tristes aves ~~transviadas~~ transviadas. Não é um amor terrível e mortal mas um amor de pássaro, irresponsável e frívolo, repleto de extraordinária vacuidade.

A sexualidade moderna é grotesca e chocante. Intenta dissolver a espiritualidade da alma. É um culto imundo por coisas imundas — vertigens frias de um animal imundo. É meramente drama sexual, drama animal, nunca uma ~~adventur~~ aventura de vertigem e sonho da sensibilidade. Tudo frio, sem arte, sem ética nem estética.

Nada é mais odioso que o amor sexual sem o encanto da emoção delicada da alma; sôzinho, o amor sexual é filho de egoísmo e de funesto capricho da carne frágil e irresponsável. Bem fácil é adivinhar a que abismos de dor leva o amor puramente sexual, despedado da paciência, da firmeza doce que caracteriza o verdadeiro amor.

O amor exclusivamente sexual faz o ser humano cair em irremediável dissolução, escraviza-o, fá-lo agachar-se, perder sua dignidade, sua qualidade de homem. Tal amor apenas avilta, empobrece, prepara morte lenta para quem o experimenta. O libertino, o lúxu

o luxurioso sem mescla, "quimicamente puro" e cujo viver é um contínuo patinhar na lama, dissipando-se no vício, desperta horror, desprezo profundo.

No que toca ao amor a paisagem contemporânea é árida. Tão irritantemente árida e melancólica. Todos acreditam com fé absoluta, idiota, em coisas indignas de fé, indignas de ser cridas. O contrário em que vivemos é de grande secura, é triste e monótono, descorado, cor de cinza. É um ambiente de materialismo cru, de hedonismo nu. Tudo é feito de horrível mediocridade, de basalto lúgubre, negro; não há alma nem sentimento em parte alguma. O amor desertou dessas planícies nuas e estérteis; a generosidade fugiu desses locais sinistros. Onde está a adoração, o desvotamento sublime da alma romântica? Em lugar algum, em parte alguma.

A paisagem em que vivemos é seca, muito seca e fria, e nela não se enterra o tesouro querido e precioso do amor, da bondade, da generosidade. E o ser que habita essa paisagem é frio, morto, frouxo, incapaz de qualquer heroicidade, de qualquer generosa grandeza ou intensidade. É um miserável escravo, possuindo um coração de coração --- um coração de qual não se poderia jamais dizer-se o que disse Michelet de um coração de herói:

"Sobretudo estrelado, deitado no seu terrapão, dorme um instante, acorda logo. Os leões que tem no coração, saltam imprecientes... É um rugido. Mas logo as lágrimas lhe inundam os olhos."

Isto é grandeza, generosidade, intensidade, beleza --- disto acha-se infinitamente distanciado o homem contemporâneo, muito mais semelhante a um rato, esquilo ou formiga, do que a qualquer herói. É tudo isto somente por falta de amor...

UBIRAJARA ROCHA

UBIRAJARA ROCHA

Ninguém pode negar que o amor é um sentimento (*affectus*) que ocupa posição de culminante relevo em todo o curso da trágica existência humana, que exerce profunda influência em toda a dramática dimensão da vida do homem sobre a crosta deste "lamentável planeta". Ninguém ignora que o amor é dramatismo e problematismo e que é um impulso muito profundo da natureza humana, um ímpeto radical que vem das entranhas, que nasce nos tecidos profundos, nas raízes subterrâneas da alma ou psique humana.

Tem-se dito, e é bem verdade, que é sobretudo o amor que cria o nosso destino sobre a terra. É ele, especialmente, antes e acima de tudo, o que dita e inspira os nossos atos, gestos e atitudes, emprestando calor e vivacidade aos movimentos que ou nos salvam ou nos perdem, formando, portanto, o contexto de nossa história, da história de cada destino humano. A vida de cada um de nós é um imenso mosaico de atos de amor, uma imensa sequência de movimentos nascidos desde as fibras secretas e ocultas dessa viscera cruenta e palpitante que é o nosso coração.

O amor nos impele para o bem ou para o mal e é uma sede febricitante que nos empolga desde nossa idade mais tenra. Ainda somos um mero esboço de existência, um simples e débil casulo de vida, e já amamos, a bem dizer, com todas as veras de nossa alma. É esta uma verdade que um batalhão de psicólogos que um exército de pesquisadores e filósofos do amor têm demonstrado, convincentemente, através de muitos estudos e reflexões, de muitos livros e monografias.

Existem, na literatura universal, muitos e muitos escritos poéticos e filosóficos a nos mostrar, com toda a luminosidade da evidência, a sagrada e altíssima importância do amor. O sortilégio do amor, seu feitiço infinito, sua eterna magia têm sido profusamente estudadas em todos os tempos. O estudo do arrebatamento amoroso, a análise do ritmo cálido do amor tem torturado todos os cérebros, tem

atormentado todos os intelectos humanos. Mas vá lá alguém conhecer a essência do amor! Vá lá alguém desvendar esse mistério, ou alimentar a esperança --- a certeza! --- de defini-lo, em termos exatos e precisos.

O amor tem sido objeto de apreciação severa por parte de grandes escritores antigos e modernos. Entre os contemporâneos salienta-se singularmente, em nosso entender, o vulto do filósofo cristão Maurice Nêdoncelle, que fala do amor com palavras simples e diretas, sem indêis jogos de palavras. Suas análises acerca do fenômeno afetivo são quase perfeitas, são realmente feitas com invejável perícia, mostrando que seu autor é um autêntico pensador, uma esplêndida personificação da arte de bem pensar, de bem raciocinar, em suma, de bem filosofar. O rigor é a alma, o nervo, o músculo de seu raciocínio especulativo e discursivo; suas reflexões são simples e claras, não se perdem em rebuscamentos ou circunlóquios indêis, em estôreis folhagens verbais.

O Pe. Nêdoncelle é um vigoroso e dinâmico pensador, um filósofo dotado da mais alta capacidade de observação, jamais se contentando na superfície mas na profundidade dos temas que versa com exímia mestria. Escritor nada pretensioso, nada afetado e profundamente fino, repleto ou embebido dos pés à cabeça de nobreza intelectual, perfeitamente honesto e inteligente em todas as afirmações que faz, sempre dando respostas que mais se afinam com os sentimentos superiores da ^{aos} ~~amidade~~ ^{amizade} do que obedecendo ~~as~~ ^{aos} frios decretos, às dígidas decisões do senso comum. A todo o momento vêm-lo a fugir da gelidez e da compreensão muito fria dos problemas, compreensão gelada e árida que habita os conteúdos ~~ações~~ ^{ações} dos escritores enfadonhos e vulgares.

Maurice Nêdoncelle é autor de um livro magistral, de uma obra inestimável e, para nós, inesquecível: é o excelente e mais que harmonioso conjunto de ensaios sobre o amor e a "descoberta do outro", a ponte que liga o mim ao tu, ou seja, a comunicabilidade humana, estudos máximamente profundos e cujo título é "Para uma filosofia do amor e da pessoa". Nessa obra de imensa importância filosófica toda a problemática do amor é tratada com insigne elevação e

e profundidade analítica. Em certa altura de suas páginas densas e magnificas indaga o Pe. Nêdoncelle:

O amor é um valor? Sendo um valor, qual é a sua importância, o seu significado na vida da pessoa humana?

Ainda mais: o amor é um valor supremo ou um valor relativo?

Toma o direito de dizer, com certeza, que o amor é um valor ao da verdade, superior ao da justiça, ao do direito, ao de bem comum, por muitos tidos como valores absolutos?

Perguntas difíceis de responder, mas que o notável talento filosófico do Pe. Nêdoncelle para logo simplifica, dá-lhes proporções e medidas exatas, reduzindo-as a esquematismos mentais fáceis de compreender, acessíveis ao entendimento comum. Mostrando-se completamente senhor do assunto escreve ele, preliminarmente, com intenção de desenhar a fisionomia, ou, mais exatamente, ^{de apresentar} ~~todas~~ as faces do tema a respeito do qual trazia em mente o propósito de dissertar e desenvolver adequadamente:

O amor não é um valor mas sim a busca de um valor, "ou repouso no valor logo que este é atingido." O amor quer encontrar valores, mas que valores são estes? Pergunta complexa, que envolve outra, igualmente de difícil resposta: "Que valor tem essa busca ou essa satisfação?" Ou, idênticamente, "que valor tem o próprio amor? E, ainda, "que realidade tem o valor do amor?"

Uma vez respondidas todas essas perguntas teremos, afinal, encontrado toda a essência, significado e importância do amor na vida humana, na história e no destino do homem enquanto permanece sob a dura e rugosa face da terra. Mas tais respostas devem ser claras e precisas, isentas de ambiguidades e confusões, distanciadas de erros e equívocos, limpas de ilusões coloridas e brilhantes, bem afastadas do longo tervelinho de pensamentos contraditórios que, comumente e naturalmente, turbilhona esta matéria. O amor é, geralmente, tema e ful-

